

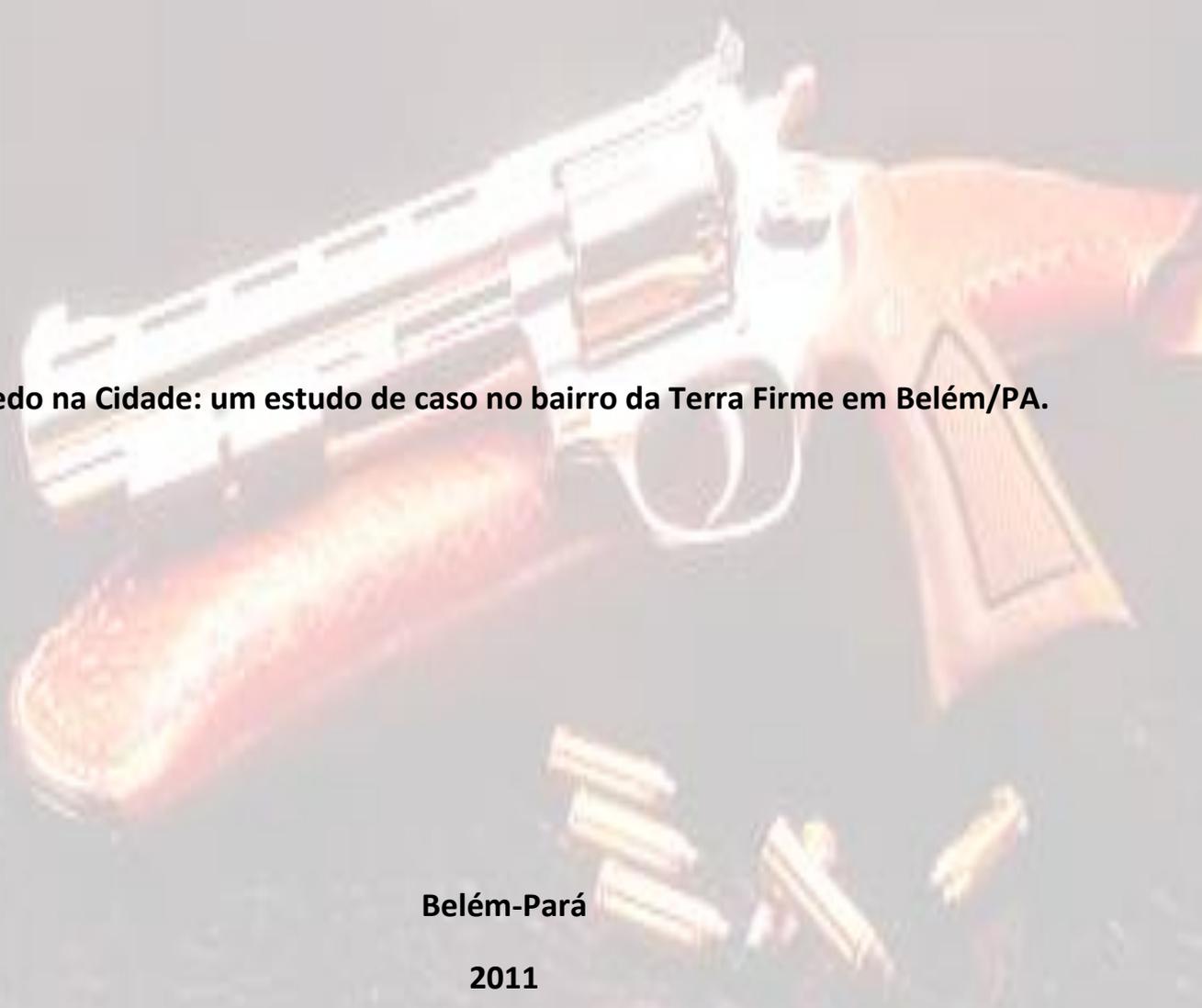
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

MARIA DO SOCORRO ROCHA SILVA

Medo na Cidade: um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém/PA.

Belém-Pará

2011



MARIA DO SOCORRO ROCHA SILVA

Medo na Cidade: um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém/PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará - UFPA, como pré-requisito para obtenção do grau de mestre em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Elvira Rocha de Sá.

**Belém-Pará
2011**

MARIA DO SOCORRO ROCHA SILVA

Medo na Cidade: um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém/PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará - UFPA, como pré-requisito para obtenção do grau de mestre em Serviço Social.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Maria Elvira Rocha de Sá
(orientadora)

Profª Drª Joana Valente Santana
(1ª examinadora interna)

Prof. Dr. Daniel Chaves de Brito
(2º examinador externo)

Aprovado em 31/08/2011

Aos meus avós João Orlando (in memórian) e Francisca Rocha (in memórian) que são os grandes responsáveis por toda a minha formação pessoal. Sei que se estivessem aqui estariam felizes por mais uma vitória alcançada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu grande amigo, que sempre me acompanha e me protege.

À minha mãe, Valdinéia, grande lutadora que sempre trabalhou, para que pudéssemos estudar e ter uma profissão. A você dedico mais esse obstáculo vencido em minha vida, ou melhor, em nossas vidas.

Aos meus irmãos e a todos da minha família, pelo apoio que sempre me deram.

Aos meus sobrinhos Ayla, Cauã e Kaiane, minhas grandes paixões, pela ausência em muitos momentos.

Ao meu cunhado, Samuel Enoc, que contribuiu muito com a minha pesquisa e não mediu esforços para que eu pudesse conhecer um outro lado do bairro da Terra Firme.

Aos meus professores do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da UFPA, que me possibilitaram uma análise crítica da sociedade e a busca incessante pelo conhecimento.

À professora Dr^a Joana Valente, por quem tenho uma grande admiração e respeito, pela profissional comprometida com o Serviço Social e pelo incentivo que sempre me deu ao longo desses anos de mestrado.

À minha querida orientadora, Maria Elvira Rocha de Sá, pela amizade, diálogo, orientação e principalmente, pela tranquilidade em me deixar a vontade ao longo da pesquisa.

Á minha amiga Sibely Leão, que compreendeu minha ausência e que está nos presenteando com a vinda do Samuel, saiba que estamos o aguardando com muito amor!

Á minha amiga, incentivadora e professora Rosiane Costa de Souza, que desde o processo de inscrição para o mestrado me intimou a fazer a prova e me ajudou no projeto de qualificação, como também me apresentou alguns outros teóricos importantes e que contribuíram para uma visão crítica da sociedade. Te amo minha grande amiga!

Aos meus grandes amigos, Jorge Theo, Diego Cutrin e Gizelle Freitas, companheiros de muitos momentos alegres e que, em alguns momentos, porque na

maioria estávamos juntos, souberam entender a minha ausência, mas em pensamento sempre estamos juntos. Amo vocês!

Aos moradores, comerciantes e policiais militares que foram essenciais para a compreensão do bairro da Terra Firme, como também para a concretização desta dissertação.

Do rio que tudo arrasta se diz que
é violento. Mas ninguém diz violentas
as margens que o comprimem.

Bertold Brech

RESUMO

O debate sobre o medo na cidade impõe a necessidade da ancoragem numa teoria capaz de explicar as contradições imbricadas no processo de urbanização sob a lógica capitalista. As análises desenvolvidas nesta dissertação foram instigadas pelas observações sobre manifestações deste fenômeno no bairro da Terra Firme na cidade de Belém-PA, buscando-se apreender mudanças na dinâmica social de seus habitantes, como também entender o fenômeno da violência urbana e o sentimento de medo na cidade, estabelecidos a partir da lógica perversa do capitalismo, que são reproduzidos com intensidades variadas nas cidades brasileiras e amazônicas.

Palavras Chaves: Urbanização, violência e medo na Cidade.

ABSTRACT

The debate about fear in the city imposes the necessity of anchoring a theory capable of explaining the contradictions intertwined in the urbanization process in the capitalist logic. The analysis developed in this dissertation were instigated by comments on manifestations of this phenomenon in the neighborhood of the Mainland in Bethlehem, PA, trying to grasp changes in the social dynamics of its inhabitants, but also to understand the phenomenon of urban violence and the feeling of fear in city, established from the perverse logic of capitalism, which are played with varying intensities in Brazilian cities and Amazon

Key Words: Urbanization, violence and fear in the City.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS

Pg

01 Mapa do bairro da Terra Firme -----	78
02- Mapa da droga na Terra Firme -----	95

FOTOS

01-Sub-Habitações junto à Av. Marechal Hermes (Década de 60)-----	70
02- Bairro da Terra Firme em 1960. -----	74
03- Bairro da Terra Firme em 1960.-----	82
04- Praça Olavo Bilac -----	84
05- Insegurança (lojas gradeadas) -----	89
06- Insegurança (casas gradeadas) -----	89
07- Insegurança (casas gradeadas) -----	89
08- Insegurança (casas gradeadas) -----	89
09- Passagem 24 de Dezembro -----	93

FIGURAS

01-A influência da mídia na vida do indivíduo -----	56
02-Notícias sobre violência -----	58
03- Notícias sobre violência -----	58
04- charge sobre violência e mídia -----	61

05-Insegurança no bairro da Terra Firme -----	88
06-Notícia sobre rua perigosa no bairro da Terra Firme -----	91
07- Noticiário sobre o mapa da violência em Belém. -----	99
08-Terra Firme, capa de jornal de circulação estadual -----	100
09- Terra Firme, capa de jornal de circulação estadual -----	100

GRÁFICOS

01-População residente por situação de domicílio -----	34
02-Evolução do número de homicídios, Brasil, 1998/2008 -----	51

TABELAS

01-Taxa de Urbanização (1940-1991) -----	33
02- População brasileira (urbano e rural)-2010 -----	34
03- Homicídios por Estado -----	48
04-Participação das diversas causas de morte por UF dos jovens -----	50
05- Homicídios por idade -----	52
06- Taxas de homicídios por idade -----	54
07- População do Pará e região metropolitana (1996) -----	72
08- Distribuição da população em Belém/1960.-----	75
09- Registro de violência no bairro da Terra Firme (2002-2005) -----	96
10- Homicídios e latrocínio no bairro da Terra Firme/2010. -----	96
11- Ruas com registros de pequenos delitos /Terra Firme -----	99

LISTA DE ABREVIATURAS

DNA – Ácido Desoxirribonucléico

FMI – Fundo Monetário Internacional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PIN – Programa de Integração Nacional

PAES – Plano de Ajuste Estrutural

ONU – Organização das Nações Unidas

SISP- Sistema de Informação da Polícia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Capítulo I: ESTADO CAPITALISTA, URBANIZAÇÃO, VIOLÊNCIA E MEDO NA CIDADE	20
1.1 Estado capitalista em movimento	21
1.2 Urbanização no espaço mundial	27
1.3 Violência e medo na cidade	36
Capítulo II VIOLÊNCIA URBANA NO BRASIL	44
2.1- Violência nas grandes cidades do Brasil	45
2.2 O espetáculo da violência sob o olhar da mídia	55
Capítulo III: MEDO NA CIDADE: UM ESTUDO DE CASO NO BAIRRO DA TERRA FIRME	61
3.1 A cidade de Belém do Pará e a experiência do medo	63
3.1.1 Fatores históricos da fundação e urbanização da cidade de Belém do Pará	63
3.2 O bairro da Terra Firme: da origem à atualidade	73
3.3 Medo na cidade: que fobia é essa?	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	106

INTRODUÇÃO

A constituição das cidades contemporâneas vem sendo historicamente marcada pela lógica segregadora, imanente ao modo de produção capitalista, seja através do embelezamento dos chamados centros urbanos, ou ainda pela política de ocupação e uso das terras. Com isso, o contingente de trabalhadores de baixa renda afasta-se das áreas centrais e desloca-se para áreas sem infraestrutura, ora próximas, ora distantes da maior concentração de equipamentos e serviços coletivos.

Na constituição da cidade estão diferentes sujeitos em disputa e, entre estes, o Estado, propondo planos urbanísticos baseados em modelos perfeitos de ordenamento para uma cidade sem contradições.

A dinâmica do processo de urbanização no atual estágio da acumulação capitalista é um elemento essencial para a explicação dos problemas sociais enfrentados nas cidades brasileiras, como por exemplo, o medo na cidade. O medo na cidade e a construção de sentimentos anti-cidade são recentes. Estes processos começaram a ter visibilidade a partir do explosivo adensamento populacional nas cidades e aprofundou-se de forma mais radical em alguns continentes e algumas regiões do mundo.

O aguçamento do medo associado ao espaço urbano cresce na mesma proporção em que a imagem de algumas cidades foi construída como mercadoria a ser vendida e comprada pelo capital, cuja ênfase é dada pela vantagem de proteção e segurança em situações de perigo iminente, que, paulatinamente, são revestidas da busca por mecanismos de segurança máxima a qualquer preço, mesmo que signifique a perda de liberdade.

A todo momento somos instruídos a aprender o “guia de orientações de convivência com a violência”, que dentre as estratégias, diante do perigo iminente, é: “À noite, não saia para caminhar”; “Quando estacionar o seu carro, tranque bem as portas e não se esqueça de levar o som consigo”; Mantenha o vidro fechado e não dê atenção ao que dizem”. O problema é que tal “guia” fortalece a segregação e contribui para o individualismo e isolamento. Segundo Souza (2004,p.61),

o enclausuramento voluntário implica um empobrecimento adicional da vivência da cidade e da experiência do contato com o outro (seja ele o favelado, o suburbano etc.), conduz à autosegregação, indiretamente, ao reforço de preconceitos, na esteira da ignorância e do medo.

A violência possui significados e manifestações diversas para grupos de indivíduos marcados pela condição de classe social, porém, dificilmente este termo esteja dissociado da idéia de crime, já que os assaltos, homicídios e estupros, condutas criminosas contidas no Código Penal Brasileiro, são ações violentas e que causam grande aversão social. Tal violência nos causa medo, porém, não é apenas daquele que está mal vestido, ou daquele que descobrimos que é ex-presidiário, há também o sentimento de medo em determinados bairros da cidade, onde evita-se passar por determinadas áreas, devido se imaginar que a violência é oriunda e concentrada naquele determinado bairro.

O acirramento do sentimento de medo na cidade é também causado pela espetacularização da violência, instrumento muito utilizado pela mídia nacional e local, onde,

a estrutura de enunciação da imprensa colocava o medo em estreita relação com o pânico, que é sentimento que não consegue ver os seus fundamentos e, por isso, tem tendência totalizante: é um sentimento que restringe o pensamento e que acaba fazendo o indivíduo agir de forma muito emotiva. (CORRÊA, 2010,p.101)

A dinâmica social reveladora de mudanças significativas nas relações estabelecidas pelos indivíduos que vivem e constroem suas histórias no espaço citadino, é um dos aspectos de nossa análise. Nesta perspectiva, a reflexão acerca do que ocorre no bairro da Terra Firme, localizado na cidade de Belém, capital do estado do Pará, nos permitiu compreender o processo de violência urbana e o sentimento de medo, construído a partir da dinâmica da cidade, em seu processo de constituição.

O interesse pelo tema está relacionado, em primeiro lugar, à continuidade no processo de investigação acerca das políticas urbanas, iniciado com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido em 2007 na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará e ao fato de ser moradora na área

limítrofe entre os bairros de Canudos e Terra Firme. Em segundo lugar, pelo exercício profissional, como Assistente Social efetiva lotada no Sistema Penitenciário do Estado do Pará, em uma Central de Triagem, que revela não só estatísticas contundentes de jovens de 18 a 25 anos que adentram no Sistema Penal, como, a partir da dinâmica institucional, indica as causas da privação de liberdade, tendo o bairro da Terra Firme como área onde residem um número expressivo de homens e mulheres privados de liberdade.

Vale ressaltar que no Serviço Social ainda são poucas as pesquisas que trabalham com a temática da violência urbana, sendo necessário e importante, por exemplo, o diálogo com a Sociologia e a Geografia, o que viabilizou no presente trabalho uma análise crítica acerca deste fenômeno a ser incorporada, contemporaneamente, na agenda dos Assistentes Sociais.

O universo da pesquisa está circunscrito ao bairro da Terra Firme, tendo como objeto a violência urbana e o sentimento de medo na cidade. A pergunta que norteou o processo investigativo consistiu na busca de compreensão sobre o sentimento de medo na cidade e foi assim formulada: **Os determinantes do recrudescimento da violência no bairro da Terra Firme e o aumento do sentimento de medo são fatores que indicam a cidade de Belém como uma “fobópole”¹?**

Para obtenção de respostas a tal questionamento foi utilizada a abordagem qualitativa, através de entrevistas, semi estruturada, com moradores, comerciantes e policiais que trabalham e/ou residem no bairro. Vale destacar que as 12 (doze) entrevistas realizadas foram selecionadas a partir dos resultados de pesquisa realizada por Couto (2008), que espacializou e identificou os pontos de comercialização de drogas no bairro da Terra Firme, além dos registros de ocorrências da Polícia Militar, em 2010, que indicam as ruas onde há índices de violência, como por exemplo, homicídios e pequenos furtos, no referido bairro.

Os entrevistados não serão identificados, para tanto foram utilizados os nomes das ruas onde os mesmos residem e foram referidos pelo tipo de identidade

¹ Fobópole é resultado da combinação de dois elementos de composição, derivados das palavras gregas *phóbos*, que significa “medo”, e *pólis*, que significa “cidade” (SOUZA, 2008).

e da atividade que executam. Assim, foram entrevistados aqueles que são só moradores, só comerciantes ou comerciantes-moradores e aqueles policiais que exercem a função como tal e são moradores do bairro da Terra Firme. Os entrevistados residem e/ou trabalham nas ruas Celso Malcher, 24 de dezembro, Comissário, Nossa Senhora das Graças e Perimetral. É importante ressaltar que tais ruas foram identificadas, utilizando-se as pesquisas acima mencionadas, como sendo áreas de comercialização de drogas, assim como áreas de maior incidência de violência.

No intuito de proceder a construção analítica de respostas à questão que o processo de pesquisa, a dissertação está estruturada em 3 (três) capítulos. O primeiro aborda o Estado engendrado pelo modo de produção capitalista, estabelecendo nexos com a urbanização em escala mundial e nacional e com o fenômeno da violência e do medo na cidade contemporânea.

No segundo, foi analisada a violência nas cidades brasileiras, com registros estatísticos sobre a violência nas capitais das unidades federativas, como também foi abordado o processo de espetacularização da violência produzido pelos meios de comunicação em âmbito nacional e local, discutindo-se o papel da mídia na construção do sentimento de medo.

O terceiro capítulo foi desenvolvido objetivando a reconstituição do sentimento de medo na cidade a partir de um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém do Pará, centrado na apreensão do fenômeno da violência urbana e da fobia reveladora deste sentimento, sob a ótica dos sujeitos que moram e trabalham no referido bairro.

Nessa Dissertação propomos uma reflexão acerca da relação orgânica entre o processo de urbanização e seus efeitos avassaladores no atual estágio de acumulação do capital, como o da busca territorializada da produção da mais valia no espaço urbano, analisando a particularidade do fenômeno da violência urbana e o sentimento de medo na cidade, exemplificado pela produção da “fobópole”.

I CAPÍTULO: ESTADO CAPITALISTA, URBANIZAÇÃO, VIOLÊNCIA E MEDO NA CIDADE



1.1 Estado Capitalista em movimento

Neste capítulo iniciaremos o debate sobre o Estado engendrado pelo modo de produção capitalista, estabelecendo nexos com a urbanização em escala mundial e nacional e com o fenômeno da violência e do medo na cidade contemporânea. Esta análise é imprescindível para compreendermos a violência e o sentimento de medo na cidade, que fazem parte da vida cotidiana dos moradores do bairro da Terra Firme, em Belém do Pará.

Segundo Engels (1982), Atenas apresenta a forma mais pura e mais clássica para se compreender o surgimento do Estado, afirmando que o Estado tem sua gênese, fundamentalmente, nos antagonismos de classe que vão se desenvolvendo no interior da sociedade. O Estado, para Engels(1982), é definido como um produto da sociedade, já que a mesma vive profundas contradições. Porém, para que essas classes, com interesses distintos, não se enfrentem a todo o momento é que se faz necessário um poder que aparentemente está acima das classes, assuma o papel de estabilizar a ordem social. Esse poder, ao qual o autor se refere, é o Estado.

Segundo Marx e Engels (1965,p.182-183) o Estado moderno gerencia os interesses da classe burguesa devido estar sob o controle direto de seus membros, afirmando que “O poder político no sentido estrito do termo, é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra”.

Marx e Engels (1965) estabelecem princípios em que a revolução social deveria expropriar a burguesia não apenas economicamente, mas também politicamente. O Estado precisaria ser tomado das suas mãos e usado a favor da transformação socialista da sociedade.

Dentre as medidas elencadas por Marx e Engels (1965,p.182) para “revolucionar por completo todo o modo de produção” capitalista, vale destacar algumas como:

1º) Expropriação da propriedade fundiária e emprego da renda da terra nas despesas do Estado. [...] 5º) Centralização do crédito nas mãos do Estado através de um banco nacional com capital estatal em regime de monopólio exclusivo. 6º) Centralização nas mãos do Estado de todos os meios de transporte e comunicação [...]

Marx (1994) afirma ainda que é necessário destruir o aparelho do Estado, mas não substituir o pessoal governante. Esse aparelho não é mais visto como um instrumento imparcial, manipulável por quem estiver em seu poder. Pelo contrário, afirma que o Estado é uma instituição que tem a dominação de classe inscrita na sua própria organização interna, já que para Marx o Estado capitalista traz em si sua marca de classe, que é a burguesia. Portanto, o Estado exerce a função de garantir a ordem da sociedade burguesa sem que necessite ser controlado diretamente pelos membros da classe burguesa.

Segundo Marx (1994, p.531) o aparelho do Estado, depois da Revolução francesa (1789-1793) promove a centralização política e burocrática, avaliando ainda que “todas as revoluções (políticas) aperfeiçoaram esta máquina, centralizada do Estado, em vez de destruí-la”, já que para Marx (2003,p.181), antes da Revolução Francesa a estrutura estatal que existia era do tipo feudal, baseada em direitos senhoriais, privilégios locais e códigos provinciais. Tal estrutura representava um obstáculo ao crescimento da economia burguesa, neste caso, a burguesia destrói tal estrutura, através da Revolução Francesa, século XVIII, que “varreu todas essas relíquias de tempos passados, limpando assim, ao mesmo tempo, o solo da sociedade dos últimos obstáculos que se erguiam ante a superestrutura do edifício do Estado moderno” (Marx, 2003, p. 181).

É por esse motivo que “a classe operária não pode limitar-se simplesmente a se apossar da máquina do Estado tal como se apresenta e servir-se dela para seus próprios fins” (Marx, 2003, p. 181). A ditadura do proletariado, não pode usufruir-se dessa antiga estrutura estatal, tendo em vista que é uma estrutura de classe, logo, a utilizando acarretaria a reprodução das formas burguesas de dominação ligadas aos elementos burgueses da estrutura do Estado, uma burocracia sepada da sociedade e não dominada pela mesma.

Em o 18 Brumário Marx (2003) analisa a relação do Estado burguês e da sociedade burguesa. Para isso faz análise do processo histórico que levou ao golpe de 1851 e a destruição do poder político de Bonaparte. Segundo Marx, a burguesia parlamentar vê seu domínio político consolidado, depois de diluída a constituinte e da derrota dos republicanos burgueses, abrindo-se um período de luta entre o poder

Executivo e a Assembléia Legislativa. Tal processo resultou-se no descontentamento da burguesia extraparlamentar (proprietários dos meios sociais de produção) e a burguesia parlamentar (representantes políticos da classe), (Marx, 1994, pp. 515-517).

O descontentamento da burguesia extraparlamentar, devido a ameaça que a instabilidade política gerou para os seus negócios, fez com que a burguesia extraparlamentar abrisse mão do seu “poder político” (Marx, 1994, p. 514; itálico no original), desamparando os seus representantes e apoiando o golpe de Estado. O resultado do golpe é a autonomia completa do Estado frente às classes burguesas sob o segundo Bonaparte (Marx, 1994, p. 532). Logo, o Estado, no segundo império de Bonaparte, desempenhou o papel de garantir a ordem material da sociedade burguesa sem que para isso precisasse ser controlado pelos membros da classe burguesa. A burguesia perde sua influência política, ou seja, a capacidade de controlar, diretamente, os postos do aparelho estatal.

O Estado bonapartista conseguiu a reprodução do capitalismo de uma forma que nem mesmo a burguesia teria esperado. Bonaparte golpeou os interesses dos burgueses particulares, no entanto foi ele que, por meio de um Estado cada vez mais independente e centralizado, conseguiu pôr um ponto final na revolução e manter a ordem social capitalista (Marx, 1994, p. 531), seguindo o pensamento de um Estado burguês, integrado á ordem burguesa.

Em O 18 Brumário é possível a compreensão do Estado capitalista a partir de alguns pontos principais, como: na concepção, de que o aparelho de Estado não é uma forma institucional neutra; a ação do Estado não depende, para a realização dessa função, do controle direto da burguesia sobre os seus recursos políticos e organizacionais; e, que a função essencial do Estado é a reprodução da ordem social capitalista.

Para a compreensão do Estado capitalista é necessário nos remetermos a história, as lutas e aos interesses de classes, e entender que os sujeitos sociais estão sempre engajados em condutas estratégicas, porém atuando em contextos não escolhidos por eles. Neste sentido, vale aqui a análise de Marx (1994, p. 437), quando o mesmo afirma que:

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem segundo sua vontade, em circunstâncias livremente escolhidas por eles; ao contrário, estas circunstâncias eles as encontram acabadas, dadas, herdadas do passado”

Marx constata que o Estado capitalista atua em condições materiais determinadas, que depende dos recursos materiais produzidos pela ordem social burguesa. A reprodução dessa ordem é a condição de reprodução dos meios de existência do próprio Estado, sendo um limite estrutural, Estado esse que precisa garantir a “ordem burguesa”: a acumulação de capital, a dominação social e a ordem global. Portanto, a revolução social não pode se apropriar do Estado, e sim, destruí-lo. Porém, concomitantemente, esse Estado opera num contexto político instável, de lutas e conflitos variados.

No processo de análise do Estado capitalista, outro autor que traz contribuição a referida análise é Poulantzas (1971) que afirma que o Estado, atende a classe dominante não somente por esta controlar seus centros de poder, mas pelo fato do Estado ser a instituição responsável pela reprodução do sistema social em que aquela classe ocupa a posição dominante.

Segundo Poulantzas (1980), o Estado é uma relação social entre sujeitos, uma relação social entre sujeitos mediada pela relação destes com as capacidades do Estado. O autor argumenta que o Estado serve para organizar a classe dominante e desorganizar a classe dominada.

O Estado intervém por meio de políticas focalizadas e pulverizadas, para amenizar as expressões da “questão social”², e neutralizar as massas. Um exemplo bastante nítido das conseqüências da intervenção do Estado na sociedade de classe pode ser visualizado através de políticas públicas, mais especificamente em projetos de habitação, como afirma Harvey (1994), onde alguns projetos destinados às pessoas carentes podem ser piores de vandalismo e de desamparo social do que as favelas que pretendiam substituir.

² A expressão surge para dar conta do fenômeno mais evidente da história da Europa Ocidental que experimentava os impactos da primeira onda industrializante, iniciada na Inglaterra no último quartel do século XVIII: trata-se do fenômeno do pauperismo. As relações conflituosas que se estabeleceram entre o capital e o trabalho, desde o início do modo de produção capitalista, configuram a questão social, (NETO,2001,p.42)

Logo, como o Estado nasce para amenizar o conflito de classe, acaba tornando-se a força mais poderosa, ou melhor, o braço direito da classe economicamente e politicamente dominante, adquirindo novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida, o que leva Engels (1982,p.193-194) a constatar que:

o Estado antigo foi (...) o Estado dos senhores de escravos para manter os escravos subjugados; o Estado feudal foi o órgão de que se valeu a nobreza para manter a sujeição dos servos e camponeses dependentes; e o moderno Estado representativo é o instrumento de que serve o capital para explorar o trabalho assalariado.

É necessário enfatizar que o Estado não existiu desde os primórdios, como foi citado anteriormente, o Estado surgiu do aparecimento das classes, ou melhor, dos antagonismos de classe, o que é importante frisar é que haviam sociedades que nem conheceram o Estado e nem tiveram a noção de seu poder. Foi a partir do desenvolvimento econômico, ligado a divisão da sociedade em classes, que o Estado tornou-se uma necessidade.

As políticas desenvolvidas pelo Estado capitalista assumem, estruturalmente, características centradas na extração da mais-valia e do lucro, e entre estas as políticas urbanas. Segundo Harvey (2005,p.150), o grande interesse do capital é a busca de mais espaços para desenvolver sua capacidade de acumulação, mesmo que para isso, seja necessária a destruição dos espaços, registrando que:

(...) o capitalismo se esforça para criar uma paisagem social e física da sua própria imagem, e requisito para as suas próprias necessidades em um instante específico do tempo, apenas para solapar, despedaçar e inclusive destruir essa paisagem num instante posterior do tempo.

David Harvey ao participar do Fórum Social Mundial em Belém do Pará no ano de 2009 inicia exposição fazendo seguinte questionamento: Por que o capital consegue exercer tantos direitos sobre a cidade? Ao responder a esta indagação, Harvey (2009,p.) constata que o capital nos últimos 30 anos vem produzindo muitas

crises financeiras e que a origem da maioria destas crises está na urbanização, na propriedade urbana, intitulando como crise urbana, Completando:

Os capitalistas, quando têm dinheiro, têm também a escolha de como reinvesti-lo. Você pode investir em nova produção... Eles têm investido na compra de ativos, ações, direitos de propriedade, inclusive intelectual, e, é claro, em propriedade imobiliária... Com isso, os preços da propriedade imobiliária aumentam mais e mais. E isso não torna uma cidade melhor, e sim a torna mais cara... Em outras palavras, o direito das pessoas à cidade foi subtraído.

Ou seja, os que detêm o capital cada vez mais exercem poder sobre a cidade, e essa é a única maneira de utilizar o seu excedente. O questionamento é: a fração da classe trabalhadora terá incentivos no processo de construção da cidade? A resposta segundo Harvey (2009,p.) é que sim, porém o método utilizado culminará no lucro para os capitalistas no endividamento para os trabalhadores, já que:

As instituições financeiras concedem empréstimos aos empreendedores imobiliários para que eles desenvolvam grandes áreas da cidade. Você tem os empreendedores que promovem o desenvolvimento, mas o problema é: para quem eles vendem os imóveis? Se a renda da classe trabalhadora estivesse crescendo, então talvez eles poderiam vendê-los para os trabalhadores. Mas desde os anos de 1970 as políticas do neoliberalismo têm implicado reduções salariais... E de onde vem a demanda por habitação? A resposta consistia em conduzir as classes trabalhadoras a uma situação de débito.

O Estado atua como um grande consumidor do espaço e é um dos grandes proprietários fundiários, já que possui uma grande reserva fundiária que, em certos momentos, é utilizado para negociações com diversos grupos sociais, além de ser um agente de regulação do solo.

Essas complexas possibilidades de ação do Estado capitalista, são efetivadas devido a ação do Estado ser marcada pelos interesses de classes, e nelas alianças entre as estas. O Estado, quase sempre, tende a beneficiar frações de classes politicamente dominantes.

1.2 Urbanização no espaço mundial e brasileiro

A constituição das cidades contemporâneas vem sendo historicamente marcada pela lógica segregadora, imanente ao modo de produção capitalista, seja através do embelezamento dos chamados centros urbanos, ou ainda pela política de ocupação e uso das terras. Com isso, o contingente de trabalhadores de baixa renda afasta-se das áreas centrais e desloca-se para áreas sem infraestrutura, ora próximas, ora distantes da maior concentração de equipamentos e serviços coletivos. O que visibiliza tal segregação é o fato destes espaços das cidades serem reconhecidos por periferias, áreas de baixadas, favelas, entre outras denominações.

Segundo Davis (2006), citando dados da UN-Habitat, a população das favelas cresce em torno de 25 milhões de pessoas a cada ano e as maiores taxas de urbanização são constatadas nos países pobres, que eram, ou ainda são, em sua maioria rurais. O Fundo Monetário Internacional (FMI), que impôs os Planos de Ajuste Estrutural (PAEs) aos países do Terceiro Mundo, foram os responsáveis pelo boom da pobreza e pelo desemprego de 1 bilhão de pessoas, e um terço da mão-de-obra dos países do Sul no final dos anos 1990.

Ao contrário das cidades idealizadas pelos urbanistas, o mundo está, na verdade, sendo dominado pelas favelas e daqui a alguns poucos anos a maior parte da humanidade estará vivendo nas cidades. Vale ressaltar que para Davis (2006,p.41) favela é todo tipo de habitação precária, como: cortiços, moradias públicas de aluguel, pensões, hospedarias, ocupações, loteamentos clandestinos, campos de refugiados e até “moradores de rua”. Davis (2006,p.36) lembra ainda que “nem todos os pobres moram em favelas e nem todos os favelados são pobres”, mas não menciona como seriam as moradias de baixa renda dos não favelados.

O embate entre o urbano e o rural terá como resultado a desigualdade crescente, o aumento da pobreza na região urbana, a destruição do meio de vida, a violência nas cidades, é o que Davis (2006) chama de “superurbanização impulsionada pela reprodução da pobreza”.

Na constituição da cidade estão diferentes sujeitos em disputa e, entre estes, o Estado propondo planos urbanísticos baseados em modelos perfeitos de ordenamento para uma cidade, constituída segundo uma lógica harmônica, sem contradições.

Contudo, ao ser exemplificado o planejamento das cidades, constata-se que a imagem de cidade ordenada, controlada e domesticável pelo seu planejamento, mudou gradualmente para uma imagem de ambiente perverso, indomável, tensionado social e politicamente. O espaço urbano ao se constituir em objeto de planejamento elaborado deve levar em consideração os interesses diversos e a correlação de forças se expressa nas obras arquitetônicas, nos projetos de infraestrutura e nos projetos habitacionais que são concebidos para estruturar a vida dos sujeitos nesse espaços. Para Harvey (1996,p.55), “ a cidade tem que parecer como lugar inovador, excitante, criativo e seguro para viver, visitar, para jogar ou consumir”

Para Lago (2000), evidencia-se a necessidade de um debate sobre a o processo de segregação sócioespacial, tendo como objetivo analisar a lógica segregadora em que a cidade está submetida. O que se evidencia quando se discute a lógica segregadora das grandes metrópoles brasileiras é que o distanciamento físico não pode ser o fator único que justifique a segregação, já que além desse distanciamento, há a distancia social onde mesmo classes diferentes morando próximo, como acontece em muitas cidades-capitais de estados, não significa que o caráter segregador não exista, pelo contrário, muitas vezes é muito mais avassalador, tendo como justificativa o uso dos equipamentos públicos, muito utilizado pela classe média e apenas almejado por contingentes massivos de trabalhadores.

São precários os equipamentos coletivos utilizados por uma grande maioria da população, enquanto que uma minoria usufrui de melhores equipamentos, o que fica claro nela a lógica segregadora presente na cidade capitalista, mas sublimada pelo discurso de igualdade, ou de busca de igualdade social, levantado constantemente por governantes e pela dominante.

Por exemplo, o direito á cidade é um direito humano universal, porém a forma de vida de muitas famílias nos faz questionar sobre que direito é este? Na

atualidade, poucos usufruem, mesmo sendo assegurado pelo Estatuto da Cidade³ o “direito à cidade a todo cidadão. O discurso do acesso democratizado à habitação, ao saneamento ambiental, ao esporte, ao lazer, à cultura, ao transporte público, ao trabalho, está na referida lei.

Lojicine (1997,p.277) ao divergir de Castels e Godard, quando os mesmos afirmam que a política municipal é um grande instrumento para garantir uma boa relação da burguesia comercial com o capital monopolista, define a política urbana não como um instrumento de regulação das contradições sociais, e sim como agravador das contradições sociais, afirmando:

isso nos leva a definir a política urbana não como instrumento de regulação ou de ‘gestão’ das contradições de classe- no caso, das contradições entre capital monopolista e frações não monopolistas do capital- mas sim como elemento de agravamento, de exacerbação da contradição principal, no atual estágio do capitalismo, entre monopólios e camadas sociais não monopolistas.”

No Brasil, nas últimas décadas do século XX, são verificados investimentos nas cidades, pautados na concepção de urbanismo com caráter embelezador, cuja preocupação central é com aspectos estéticos, pois constroem praças e avenidas, com o intuito de trazer novos investimentos, principalmente, para a “burguesia urbana” (SANCHEZ, 2001). São as chamadas “cidades modelos”, “imagens de marca construídas pela ação combinada de governos locais, junto a atores hegemônicos com interesses localizados, agências multilaterais e redes mundiais de cidades” (SANCHEZ, 2001, p.31).

Essas imagens são transmitidas para a população mais pobre, como sendo o desenvolvimento e o progresso da cidade, e acabam sendo sofismadas por imagens, associadas a idéia de “progresso”, porém, enquanto essa mesma população apreende tais investimentos como o progresso da cidade, a população não percebe que a mesma continua no atraso, sofrendo as conseqüências da falta

³ Lei Nº 10.257 de 10 de julho de 2001 que regulamenta a política urbana, tendo como princípios o planejamento participativo e a função social da propriedade. Vale ressaltar que o Estatuto da cidade surge após constantes mobilizações e pressões de movimentos que lutam pelo direito a cidade..

de saneamento ambiental, de equipamentos comunitários, do aumento da violência e da segregação.

Segundo Compans (2001), têm sido disseminados de paradigmas gestão urbana e estratégias de desenvolvimento local idealizados por agências multilaterais e consultores internacionais, que oferecem modelos de “cidades sustentáveis”, “cidades empreendedoras”, “cidades saudáveis”, “cidades globais” que se colocam como alternativas para a resolução das mazelas urbanas.

Para Lefebvre (2006), não há como explicar ou, apreender a problemática urbana sem levar em conta o processo de industrialização, pois, considera a industrialização como o motor das transformações sociais, e que a urbanização é consequência do processo de industrialização.

Os problemas sociais de caráter estrutural, concedidos como expressões da “*questão social*” e, portanto, determinados pelas contradições imanentes ao modo de produção capitalista, são reproduzidos com intensidades variadas nas cidades brasileiras e amazônicas. Belém, capital do estado do Pará, após o grande ciclo econômico como o da borracha no final do século XIX e início do século XX, é impactada por intensos e agudos processos de segregação urbana.

Para melhor apreensão sobre o processo de segregação urbana, Lojiline (1997) fundamenta-se em três tipos de segregação social e espacial, que são:

- 1- Segregação no nível de habitação: está relacionado a lógica de deportação-renovação, opondo-se à lógica do emburguesamento das áreas centrais.
- 2- Segregação no nível de Equipamentos coletivos: refere-se à questão da segregação dos equipamentos precários utilizados pela classe operária, em relação aos equipamentos estruturados utilizados pelos chamados “burgueses”.
- 3- Segregação no nível de transporte, no circuito do domicílio- trabalho: relacionado ao fato dos operários que utilizam transportes coletivos precários, contrastando com as facilidades e aos privilégios dos burgueses que utilizam seus próprios automóveis.

A industrialização nos países capitalistas centrais e periféricos se deu de forma heterogênea e fragmentada, provocando profundas mudanças no mundo, e mais especificamente, nas cidades, como consequência do processo de acumulação capitalista. A incansável busca pelo desenvolvimento e crescimento do capital, levou as cidades a sofrerem com o adensamento populacional, devido, principalmente, ao processo migratório campo-cidade, que segundo explicação de Malta Filho(1989,29),

O processo migratório campo - cidade, nesses países, dá-se por pressões positivas, através da oferta de melhores empregos nas cidades, e negativas ou expulsadoras do campo, tanto por um crescimento vegetativo dessas populações como por alterações na tecnologia de produção agrícola e formas organizacionais da produção e da criação de tipos de produtos liberadores da mão de obra...

Harvey (2005), considera esse processo migratório como sendo a migração da força de trabalho excedente, ou seja, ao invés de apenas entendermos o processo migratório como o indutor do inchaço populacional das cidades, e conseqüentemente, dos problemas sociais gerados, é mais interessante apreendermos como sendo a consequência da tecnologia da produção agrícola, mas também como crescimento da força destrutiva do capitalismo e a “invasão” do espaço pelo capital.

E ainda para Harvey (1994), os sujeitos envolvidos, seduzidos e iludidos no espaço urbano determinam a configuração do referido espaço, onde o fetichismo é bastante presente, ocultando as praticas mercantilistas e segmentadoras das políticas urbanas capitalistas.

Verifica-se nesse espaço grupos sociais em disputa, em conjunturas diferentes e correlações de forças variadas. A cidade acaba sendo palco de lutas intensas pelo domínio e pelo poder, no entanto, a capacidade de sedução do capital faz com que a grande massa não perceba o quanto está sendo explorada, é o que Marx desenvolve teórica e historicamente como fetiche da mercadoria no modo de produção capitalista. Sendo assim, o avanço do capitalismo não incorpora as

massas urbanas e rurais ao modo de produção, pelo contrário, submete-as a processos intensos de **proletarização passiva**⁴.

Segundo Davis (2006) a pobreza urbana em 2020 poderá se aproximar dos 50% do contingente populacional, baseando-se em dados da Organização das Nações Unidas- ONU. O desequilíbrio econômico, determinado pela lógica do modelo de desenvolvimento vigente, faz aumentar a precarização das condições de vida no campo, tendo como alternativa aos trabalhadores empobrecidos a migração para as cidades em busca de alternativas de trabalho que dado o perfil da demanda por força de trabalho qualificada para atender os níveis de crescimento industrial e tecnológico, resta, em grande medida, a inserção no mundo informal.

Para Santos (2009), durante muitos séculos o Brasil foi um país agrícola. O processo de urbanização ocorre a partir do momento em que a casa na cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro. A urbanização se intensifica durante o século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial.

O processo de urbanização está relacionado a fatores antigos, pois, com a crise do sistema colonial houve uma mudança na economia que favoreceu o mercado urbano, logo, a força de trabalho empregada no campo, muda-se para a cidade. Para isso, é necessário compreendermos o enfraquecimento da economia colonial e o surgimento da economia de mercado, sem falar na substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre.

Entre o final do período colonial e o fim do século XIX o índice de urbanização no Brasil era de 10,7%. Entre as décadas de 1920 e 1940 o índice de urbanização já havia triplicado atingindo cerca de 31,24%. (SANTOS, 2001).

A taxa de urbanização que em 1940 era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86% (SANTOS, 2001).

⁴ Mitschein (1989) Refere-se a população que, expulsa do meio rural, passa a viver como agregada na cidade sem nenhum vínculo empregatício.

Tabela 1: taxa de urbanização (1940-1991)

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	INDICE DE URBANIZAÇÃO %
1940	41 326 000	10891 000	26,35
1950	51 944 000	18 783 000	36,16
1960	70 191 000	31 956 000	45,52
1970	93 139 000	52 905 000	56,80
1980	119 099 000	82 013 000	68,86
1991	150 400 000	115 700 000	77,13

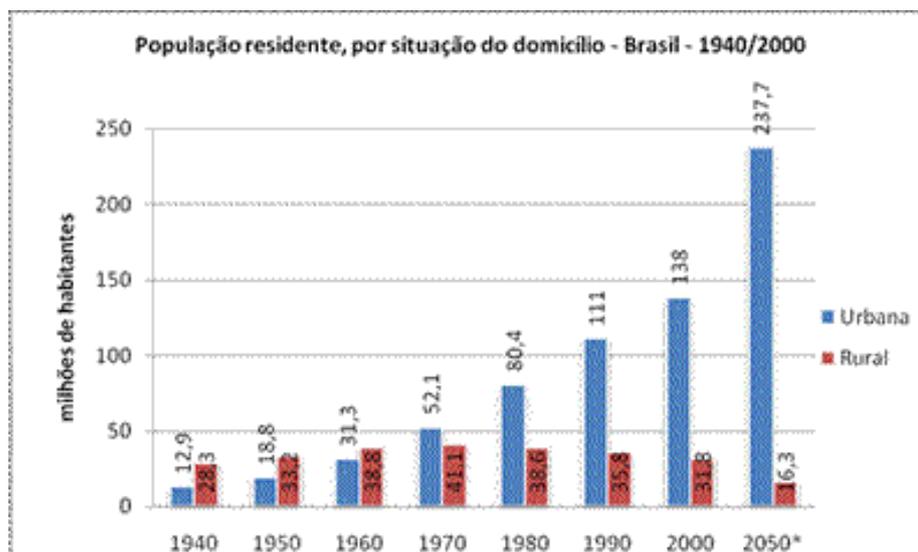
Fonte: (SANTOS, 2001,p.32)

Tais dados revelam que na década de 1950 houve um crescimento urbano indiscutível, como também o surgimento de novas cidades. Vale ressaltar que neste período o país está reequipando seu parque industrial, implantando a industria pesada, construindo eixos de interligação rodoviária com todo país, enfim, um período de muitas transformações num curto período de tempo.

O crescimento acelerado da urbanização no Brasil pode ser analisado a partir de dois indicadores, que são: taxa de crescimento corrente da população urbana e a taxa de urbanização. O auge do crescimento da população urbana se deu entre 1950 e 1980, fundamentalmente nas décadas de 1960 e 1970. A partir de 1980 começa a desacelerar seu ritmo, apesar dele se manter ainda bastante elevado.

Entre 1960 e 1980, afirma-se que a migração foi responsável pelo crescimento de 53,0% da população urbana. Em projeção realizada pela ONU para o ano de 2010, a população urbana chega a 237.700.000 habitantes.

Gráfico 1: População residente, por situação do domicílio (1940-2000)



Fonte: IBGE,2001.

Em apenas cinco décadas, o Brasil saiu de uma condição predominantemente rural (em 1940, somente 12,9% da população era urbana) para se configurar como uma sociedade urbanizada. De acordo com dados do Censo Demográfico realizado em 2010, mais de 80% da população do país é considerada urbana.

Tabela 2: População brasileira (urbana e rural)- 2010.

PAÍS	Total da população em 2010	Total da população urbana	Total da população Rural
BRASIL	190.732.694	160.879.708	29.852.986

Fonte: Censo demográfico de 2010/IBGE

No Brasil, a economia informal e a insuficiência da ação estatal em vários aspectos da vida social, essas associadas ao nível de ilegalidade na ocupação do solo, o que resulta numa urbanização marcada pela ocupação de ambientes não

propícios a moradia. Isso faz com que boa parte da população conviva cotidianamente com a condição de ilegalidade, o que para muitos é um dos vários fatores que explicam o grau de violência urbana presentes no país.

A política econômica e social do Estado brasileiro nas duas últimas décadas atribui ao capitalismo brasileiro algumas características que se aproximam de um modelo de desenvolvimento capitalista- neoliberal. Tal modelo, pode ser comparado ao modelo desenvolvimentista (1930-1964), mas com contrastes. Tal contraste pode ser compreendido com a queda do crescimento econômico, o declínio do papel do Estado como provedor de serviços, a não prioridade ao desenvolvimento industrial, a desnacionalização da economia nacional que expande-se, enquanto que os direitos trabalhistas sofre uma redução, maior do que no período militar. Tais elementos nos ajudam a identificar qual é a fração burguesa hegemônica ao longo do período neoliberal.

O modelo neoliberal estabelece a desindustrialização do país, assim como, a desregulamentação do mercado de trabalho e a mercadorização de direitos e de serviços, que reduz os gastos sociais do Estado, atendo a intimação do grande capital para apropriar-se do orçamento público, e afastar os trabalhadores de seus direitos sociais.

Para Souza (1999) o espaço urbano pode ser definido como local onde está a produção, as classes sociais e a divisão do trabalho. Porém, com o crescimento exarcebado da população as cidades tornam-se grandes áreas de riscos, com índices impressionantes de violência, miséria, desemprego, entre outros.

Outro fator importante de análise é o fato do Brasil possuir uma das mais elevadas taxas de concentração de renda, riqueza e propriedade do mundo. A acumulação de riqueza por uma minoria coexiste com recrudescimento da pobreza para a maioria de trabalhadores que vivenciam as péssimas condições de vida e de trabalho, traduzindo, assim, a desigualdade no país. Para ilustrar temos os 10% mais pobres do país com 1,1% da renda do trabalho, enquanto que os 10% mais ricos ficam com 44,7% da renda produzida, segundo dados do IBGE/2008. Segundo Boschetti (2009,p.122)

As desigualdades econômicas e sociais entre países “ricos” e “pobres” se agudizam nesse momento de crise. A especulação financeira vem

transformando a sociedade em um grande cassino, sendo esta a característica mais marcante do mercado de capitais, e gerando grandes transferências de capital ao sistema bancário, o que detonou a crise atual, comparável apenas à Grande Crise de 1929, e que ainda está longe de ser superada”

E é esta política econômica que provocou e vem provocando uma crescente destruição da sociabilidade, contribuindo inclusive para a proliferação da violência. Segundo dados do IBGE (2008) nos últimos 10 anos morreram cerca de 600 mil jovens, entre sua maioria, com idade entre 15 a 24 anos, o que nos leva a concluir que, um em cada 500 jovens, não chega aos 19 anos de idade no Brasil.

1.3 Violência e medo na cidade

Na atualidade a palavra violência tem grande destaque em todos os lugares nacional e internacional, a violência está nas ruas, nos jornais, no trabalho, nos debates acadêmicos, nos diálogos informais, entre outros.

Para Soares (2005, p.245), a palavra violência possui múltiplos sentidos:

Pode designar uma agressão física, um insulto, um gesto que humilha, um olhar que desrespeita, um assassinato cometido com as próprias mãos, uma forma hostil de contar uma história desprezível, a indiferença ante o sofrimento alheio, a negligência com os idosos, a decisão política que produz consequências sociais nefastas(...) e a própria natureza, quando transborda seus limites normais e provoca catástrofes.

A compreensão da violência nos exige a apreensão do impacto da globalização econômica nas grandes cidades e na urbanização do mundo contemporâneo. O urbanismo dos autoconstrutores modifica constantemente a paisagem das cidades, e é a partir dos bairros pobres que surgem, por conta de tal intervenção, as localidades informais, onde a violência encontra seu espaço. Para Pedrazzini (2006,p.23),

A violência urbana não é um fenômeno isolado: a urbanização caótica, a densificação ou a privatização dos espaços públicos, a segregação

social e racial leva a considerar as atividades informais e ilegais, violentas ou não, como indicadores de uma transformação mundial da civilização urbana. A informalização da urbanização é uma resposta das populações carentes à globalização e às políticas de segurança, na medida dos seus meios.

Sobre a violência que ronda os indivíduos no espaço citadino, vale aqui a crítica de Chauí (1986,p.93-94) sobre a violência no Brasil:

Aqui, os miseráveis que ainda não morreram inanição assaltam e matam pobres. Aqui, uma classe média, estupefata com a perda de vantagens econômicas que a compensavam da falta de poder político, faz justiça com as próprias mãos, armando-se para proteger os resíduos de seu passado recente. Aqui o assassino do operário Santo Dias foi absolvido por um tribunal e os assassinos de Margarida Alves perseguem sua advogada. Aqui, um procurador do Estado é visto assassinando a socos e pontapés um menino negro que roubara uma correntinha de ouro, enquanto logo adiante um grupo de engravatados com pastinha 007 tenta linchar um desempregado que assaltou uma moça. Aqui, um general da república agride um jornalista e o força desculpas públicas, após definir “medida de emergência” como providência democrática porque “democracia é respeito a lei”

A população que vive em áreas sem infraestrutura, chamadas de favelas e baixadas, sofre com a segurança precária, sendo a própria população a responsável pela sua segurança. É o pobre tentando se proteger do mais pobre, enquanto que o mercado de segurança cresce com a venda de localidades seguras, os chamados condomínios fechados, que não estão ao alcance de todos os que tem medo, portanto, quanto mais a cidade estiver desprotegida e insegura, mais as empresas de segurança terão êxito em suas vendas.

O processo de segregação, engendrado na sociedade cindida pelo antagonismo entre classes sociais é uma das determinações estruturais para compreendermos tal medo, tomado como justificativa para a rejeição à cidade. Daí é necessário compreendermos como se dá a localização de condomínios fechados, afastados dos centros, cuja construção é justificada pelo discurso de segurança e comodidade, em oposição à tumultuada concentração humana, gerando, de forma contraditória, processos auto-segregativos. Para Costa (1999,p.9),

A violência, além de responder aos processos estruturais, também se nutre de especificidades, das fragmentações locais, moleculares. Esse processo acompanhou o avanço da desagregação e transformação dos laços sociais e culturais, transformações na estrutura de emprego, nos benefícios sociais, entre outras alterações, em decorrência de mudanças que se aceleraram no sistema capitalista nos anos 70.

A indústria de segurança é favorecida com a violência urbana, porém não é a única, temos que considerar a mídia como outro segmento que lucra com a violência, afinal a mercantilização da violência vem crescendo de maneira exacerbada e que passa a ter um papel fundamental na manipulação da opinião pública. A violência urbana é cotidianamente vista na televisão, nas esquinas, nas escolas, no trabalho, nas relações amorosas e familiares. Como diz Pedrazzini (2006,p.24) “a violência real dos pobres e o sofrimento que os leva à violência fazem parte do espetáculo cotidiano e são vendidos como um produto qualquer.”.

Com a sensação de insegurança que faz parte do sujeito que vive nas cidades e para esquecer a rua, que passa a ser sinônimo de problemas sociais (pedintes, sem teto, assaltantes e outros) o Shopping Center passa a ser o espaço da condição urbana, do consumismo e da segurança. Porém, para Davis (2004), título de sua obra, a terra se transformou num “ Planeta de Favelas” , onde a maioria da população, em diferentes continentes, já está urbanizada, mas vivendo em condições precárias de habitabilidade, em locais designados como favelas, baixadas, entre outros.

Mas falar da violência é ter um olhar para as lutas e sujeitos anônimos, de desconhecidos para a maioria da sociedade que no seu cotidiano são violentados com a ausência de educação, saúde, lazer, habitação, trabalho, enfim, é constatar que a maior violência é a negação de direitos a tantos trabalhadores que fazem do seu cotidiano uma batalha para sobrevivência. A violência é compreendida e combatida apenas em seus aspectos de segurança e repressão, não sendo considerados aspectos como da pobreza, considerada a mais trágica das formas de violência, que, contraditoriamente, não é combatida, tampouco há a intenção de eliminá-la.

Estas formas de violência variam num grande espectro, indo das ocorrências mais brutais de criminalidade e de banalização da vida até as formas agudas

geradas pela fome, pelo não acesso ao trabalho e à terra para produzir e viver. Para Wacquant (1999,p.4),

... a penalidade neoliberal ainda é mais sedutora e mais funesta quando aplicada em países ao mesmo tempo atingidos por fortes desigualdades de condições e de oportunidades de vida e desprovidos de tradição democrática e de instituições capazes de amortecer os choques causados pela mutação do trabalho e do indivíduo no limiar do novo século.

Bauman (2009) aproxima-se da discussão, em busca da compreensão das causas da violência urbana, quando afirma que a sociedade moderna está intrinsecamente relacionada à insegurança, com a imagem de que o perigo está em todo lugar, ou seja, a insegurança e o perigo são inerentes ao estágio atual da vida social. Para Bauman (2009,p.19-20) o individualismo moderno, leva os indivíduos a desconfiarem constantemente uns dos outros e das intenções dos mesmos, constatando que:

Os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada desregulamentação) e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem – aparentemente eterno ou pelo menos presente desde tempo imemoriais, assim, como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido.

Na sociedade moderna, quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos sentem-se abandonados e entregues à própria sorte e a seus próprios recursos. Para Bauman (2003,p.10), a dissolução de laços comunitários transformou-os em indivíduos de direito, transformando, nos locais de moradia, as casas para proteger seus habitantes na comunidade e não para integrá-los na comunidade às quais pertencem, indagando:

Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos

e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e manter as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo.

Essa é a nova realidade nas cidades, logo, entender o problema da violência urbana e o medo na cidade é buscar compreender as novas culturas, ou a extinção de outras, novos costumes, padrões de circulação no espaço, ou seja, entender que a dimensão sócioeconômica, oriunda do modo de produção capitalista, individualiza, segmenta, segrega e tem seus rebatimentos no modo de vida dos sujeitos que estão no espaço urbano.

A dinâmica do processo de urbanização no atual estágio da acumulação capitalista é um elemento essencial para a explicação dos problemas sociais enfrentados nas cidades brasileiras, como por exemplo, o medo na cidade. O medo na cidade e a construção de sentimentos anti-cidade são recentes. Estes processos começaram a ter visibilidade a partir do adensamento populacional nas metrópoles e aprofundou-se de forma mais radical em algumas regiões do mundo.

Atualmente, o medo na cidade vem sendo abordado por diversos teóricos do campo da sociologia e da geografia, quando esta adquire a identidade de “cidade do medo”, como Souza (2008). Ao ser propagado pela mídia, faz com que haja o risco da perda de identidades construídas pelas belezas naturais, pela distância do burburinho das grandes cidades, que se constituíam em elementos definidores da imagem das chamadas cidades seguras.

Baumam (2008,p.8) define o medo como o obscuro, aquilo que não conhecemos, é a incerteza do que se vai encontrar, a sensação daquilo que está próximo, mas que não se conhece, concluindo que: “medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que dever ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”.

O medo faz com que os sujeitos fiquem em prontidão para qualquer ação repentina, um perigo imaginado. Segundo Baierl (2004,p.38)

O medo mobiliza os seres para ficarem em estado de alerta. Um sujeito, ao andar á noite em uma rua deserta e escura, tende a ficar com medo

da presença de um estranho em atitude suspeita e isso o coloca em estado de alerta, indicando que está correndo algum perigo.

O aguçamento do medo associado à vida cresce na mesma proporção em que a imagem de algumas cidades foi construída como mercadoria a ser vendida e comprada pelo capital, cuja ênfase é dada pela vantagem de proteção e segurança e, que, paulatinamente, são revestidas das condições de perigo.

O medo pode ser compreendido com uma percepção de ansiedade que causa um nível de alerta em face de uma concepção de risco ou perigo, podendo estar ligada a fatores reais ou imaginários. Segundo Delumeau (1989,p.19):

o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte... Mas se ultrapassa uma dose suportável, ele se torna patológico e cria bloqueios.

O medo associado à materialidade das formas de violência vivenciadas por contingentes massivos de cidadãos respondem, contemporaneamente, pela aversão à cidade, que resultam de múltiplas determinações engendradas pelas transformações ocorridas no processo de acumulação capitalista, com particularidades nos países centrais e nos países localizados em continentes considerados periféricos neste modo de produção, o que leva Baierl (2004,p.40).

A violência, na forma como vem se constituindo na realidade, faz emergir o medo, que leva as pessoas a paralisarem e alterarem suas relações e suas formas de ser no espaço em que vivem, em seus contextos individuais. O outro, o estranho potencialmente ou não, de acordo com as circunstâncias, é objeto de medo e provoca no sujeito reações de paralisação, de entrega ou de agressão.

Entre fatores que engendram o medo na cidade está as dinâmicas sociais, econômicas e políticas, reveladoras de mudanças significativas no cotidiano e nas relações estabelecidas pelas diferentes frações das classes sociais que vivem e constroem suas histórias no espaço citadino. Distinguir áreas de risco ou áreas onde

a intensidade do medo é mais forte, torna-se cada vez mais difícil de ser operacionalizado, pois as condições de vida, reveladas pela baixa escolaridade, pela inserção nas faixas etárias de maior grau de vulnerabilidade social, pelas restrições no acesso às oportunidades de trabalho e renda, não são determinadas geograficamente, pois a disseminação do sentimento de insegurança independe do local de residência, quando verifica-se mudanças significativas no modo de vida de determinados grupos sociais. Assim, para Souza (2008,p.54),

um medo generalizado, ainda que matizado, também ele (de acordo com a classe, a cor da pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência) toma conta de corações e mentes, (re)condicionando hábitos de deslocamento e lazer, influenciando formas de moradia e habitat e modelando alguns discursos-padrão sobre a violência urbana.

Souza (2008,p. 37) apresenta a discussão sobre o medo na cidade a partir do termo, que o mesmo criou, intitulado fobópole⁵, ou seja, “uma cidade dominada pelo medo da criminalidade violenta”. O autor ressalta que o sentimento de medo às formas de violência não tem nada de novo, pois, nem mesmo as cidades de séculos atrás não estavam isentas do sentimento de medo, claro que talvez, em proporções menores que na atualidade.

Para justificar algo novo, que se diferencie de outras situações históricas de violência e medo, sobre a questão do fenômeno fobópole, Souza (2008,p.38) afirma que a criminalidade violenta, principalmente as ligadas a questões econômicas como, latrocínio e roubos, sempre existiram ao longo da história, porém, não se sobressaíam em relação a fome, doenças e violências oriundas de guerras, como vem acontecendo na atualidade. Os índices de violências em algumas cidades brasileiras são comparados as guerras existentes em vários países do mundo. Segundo o autor,

o contraste com os períodos anteriores, e em particular com o período de relativa “calmaria” que se estende da era vitoriana e da belle époque até meados do século XX (ou seja, um período ainda tanto vivo na memória

⁵ Uma fobópole é uma cidade em que grande parte de seus habitantes, presumivelmente, padece de estresse crônico (entre outras síndromes fóbico-ansiosas, inclusive transtorno de estresse pós-traumático) por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança. (SOUZA,2008,p.40).

de muitas das nossas famílias, graças ao testemunho de avós e bisavós), que faz com que a fobópole possa a ser vista como um fenômeno dotado de “alguma” novidade histórica. (SOUZA,2008,p.39).

Wacquant (2003), ao questionar os meios que o Estado capitalista utiliza para conter o fluxo crescente de famílias deserdadas, dos jovens marginalizados e da intensificação da violência nos bairros, afirma que os serviços sociais tornam-se instrumentos de vigilância e de controle das classes ditas perigosas, acrescentando que o aumento da população carcerária é uma resposta do Estado capitalista ao crescimento da violência, da juventude marginalizada, entre outros fenômenos.

Portanto, A violência urbana vem aumentando o sentimento de medo, e que atinge a coletividade, medo este compreendido através das mudanças territoriais que vem sendo realizadas no espaço urbano, das segregações cada vez mais latentes, como também das mudanças no cotidiano dos indivíduos.

Capítulo II

VIOLÊNCIA URBANA NO BRASIL



2.1- Violência nas grandes cidades do Brasil

A violência no contexto brasileiro sofreu mudanças consideráveis nas últimas décadas. Nota-se que nas décadas de 60 e 70 o debate em torno desta questão foi marcado pelo crescimento econômico dos grandes centros urbanos, que procedeu na urbanização exarcebada e conseqüentemente, no aumento da violência, como também, no período da ditadura militar, já que, com a suspensão do processo democrático, o Brasil iniciou assim um período de violência, marcado pela repressão política e pelo autoritarismo.

No final dos anos 60 e início dos 70, os meios de comunicação começaram a dedicar mais atenção ao tema da violência urbana, particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além da violência política do governo ditatorial nos anos 70, passaram a ter visibilidade assaltos brutais, tráfico de drogas e de armas, extermínios, homicídios e chacinas, praticados por policiais, bandidos ou pessoas comuns, de maneira intensa. Mesmo com o fim do governo militar, na década de 80, a violência urbana aprofundou-se.

Quando chega a década de 90 o sentimento da população brasileira é de medo e perturbação diante de muitos crimes, assaltos e homicídios. Porém, o que mais surpreende é a frieza e ausência de limites dos criminosos.

A discussão sobre a violência no Brasil toma novas proporções quando o foco é o Estado, que sempre teve um direcionamento e um alinhamento aos interesses de uma fração da classe dominante. As estruturas representativas do Estado, como a área de segurança pública, quase que sempre são responsabilizados pelo envolvimento de seus agentes em torturas e arbitrariedades contra a população, fazendo parte inclusive de grupos de extermínio.

As vítimas da violência urbana no Brasil, em sua maioria são pobres, negros e com um nível de escolaridade muito baixo, podendo ser visualizado pelo perfil dos encarcerados no Brasil, e com um dado ainda mais estarrecedor, são jovens de 18 a 30 anos.

Enquanto que a classe dominante pode usufruir de segurança particular, condomínio fechado ou transferir a família para outros países, os pobres não possuem nem meios para deslocar-se para outros bairros ou cidades, onde teoricamente o índice de violência seja menor, além disso, em diversas situações não podem contar nem com o poder público para se defender da violência, da polícia, do traficante ou de outros segmentos.

Comprovando esta realidade, algumas pesquisas revelam o caráter altamente segregado de centros urbanos, como nos casos de São Paulo e Los Angeles, onde os ricos encerram-se em espaços privados, verdadeiros enclaves fortificados para o lazer, trabalho, moradia e outras atividades. E isso ocorre mesmo que o resultado seja mais segregação urbana e violência. Mas por que essa violência assumiu novas articulações? A resposta não é fácil, mas existem algumas análises e interpretações plausíveis. De qualquer modo, qualquer explicação deve partir da forma como se organizou, ou se desorganizou, a sociedade capitalista neste fim de século, seja no denominado Terceiro Mundo ou nos países desenvolvidos. O processo de mundialização e de globalização trouxe profundas mudanças no sistema mundial. (COSTA, 1999, p.6)

Podemos afirmar também que além da economia, até o crime se globalizou, como exemplo, temos o tráfico de drogas, que gera uma economia informal maior do que muitas arrecadações de grandes cidades brasileiras. É a circulação financeira do mercado informal. Sobre as mudanças

Para alguns autores o Brasil tornou-se um país de cultura delinqüente, fruto da ação capitalista, onde o desejo pelo consumo, não aceita limites para satisfazer o prazer, ocasionando condutas que levam o aniquilamento do outro ser humano.

De qualquer maneira, graças ao capitalismo, idealizamos em escala quase mundial o lucro como valor supremo e o consumo como fonte mágica de superação de dores e angústias em direção ao prazer e à felicidade. Ao mesmo tempo, essa ideologia do lucro a qualquer preço é o que está na base das organizações mafiosas e cartéis do crime, no desvio de dinheiro por políticos sem escrúpulos, corrupção de policiais ou mesmo na ação instrumental de gangues que matam as vítimas para satisfazer o desejo de comprar um tênis, drogas ou qualquer outra coisa que possa ser adquirida no primeiro shopping center. O problema é que essa "ideologia" capitalista está tão entranhada em nossos corpos e consciências que, em geral, acabamos por atribuir um caráter não ideológico a muitas dessas violências contemporâneas. (COSTA, 1999, p.10)

Nos últimos anos a violência tornou-se objeto de preocupação nacional e do próprio Estado, porém as ações para o combate a violência são paliativos e focalizados, ligados apenas a ação repressiva do Estado, como é o caso do debate de construção de novos presídios, já que a cada ano aumenta o número de indivíduos encarcerados, não levando em consideração a ausência de políticas públicas eficazes e a materialização da constituição de 88, além da ausência de análises das particularidades e singularidades das formas como a violência se manifesta em cada estado e município.

“O modelo de difusão da “violência urbana”, a temática político-midiática por excelência investe na punição ostensiva ao pequeno delinquente, no aumento de efetivos policiais, em mais prisões com segurança. Encontra seus principais formuladores e legitimadores nas classes medias e em parte no operariado habitante tradicional da periferia (desde quando esta era designada como subúrbio), para quem tudo deve ser organizado, limpo e repleto de moralismo. Passeatas de contestação política e sindical são aceitas quando afinadas com as regras de proteção da polícia; ademais, devem ser combatidos , atrapalham o trânsito dos que trabalham ordeiramente,são incivildades.”(PASSETTI,2002,p.22)

O modelo constitucional e humanista, evidenciado na Constituição Federal de 1988, trás a defesa dos direitos humanos. Porém, o sistema de justiça criminal do Brasil tem optado pela criminalização de pobres, negros, e jovens. Anualmente, um número significativo de indivíduos entra e sai do sistema penal sem a devida rede de proteção social e sem acesso a justiça, conforme prevê a legislação brasileira. A maioria são jovens e apresentam enorme vulnerabilidade social para combater as múltiplas expressões da “questão social”, principalmente, no acesso ao mundo do trabalho.

No quadro abaixo, mostraremos as diferenças entre os estados brasileiros, utilizando como indicador os índices de homicídio nos estados.

Tabela 3: Homicídios por Estado

ESTADO	Número de homicídios por 100.000 habitantes – 1997.
RJ	61,28
ES	50,55
PE	50,47
MS	39,16
SP	37,48
RR	35,57
AP	35,52
MT	33,77
DF	33,15
RO	31,96
AC	24,72
AL	24,18
GO	20, 39
AM	20,01
RS	18,52
PR	18,26
SE	16,92
BA	15,84
CE	15,52
RN	14,86
PB	14,84
PA	13,04
TO	12,21
MG	10,36
SC	9,29
MA	7,93
PI	5,5
BRASIL	26,89

Fonte (CANO, 2007,p.54)

Nos últimos anos já há estudos que nos mostram que as epidemias e doenças infecciosas, que há décadas atrás eram as responsáveis pelas mortes de jovens, foram substituídas por outras causas, as chamadas “causas externas”, que nada mais é do que as mudanças ocorridas nas últimas décadas, e que tiveram repercussão inclusive no processo de violência, principalmente nas grandes cidades brasileiras. Segundo Adorno (2002.p.7),

Essas mudanças repercutem no domínio do crime, da violência e dos direitos humanos. Transformam-se os padrões tradicionais e convencionais de delinqüência, nuclearizados em torno do crime contra o patrimônio, via de regra motivados por ações individualizadas e de alcance local. Cada vez mais, o crime organizado segundo moldes empresariais e com bases transnacionais vai-se impondo, colonizando e conectando diferentes formas de criminalidade (crimes contra a pessoa, contra o patrimônio, contra o sistema financeiro, contra a economia popular). Seus sintomas mais visíveis compreendem emprego de violência excessiva mediante uso de potentes armas de fogo (daí a função estratégica do contrabando de armas), corrupção de agentes do poder público, acentuados desarranjos no tecido social, desorganização das formas convencionais de controle social. Na mesma direção, agrava-se o cenário das graves violações de direitos humanos.

No mapa da violência no Brasil publicado em 2011 fica evidente o crescimento da violência urbana nas grandes cidades brasileiras, principalmente entre os jovens como podemos ver a seguir:

Tabela 4: Participação das Diversas Causas de morte por UF dos jovens.

UF/REGIÃO	CAUSAS POPULAÇÃO JOVEM							CAUSAS POPULAÇÃO NÃO JOVEM						
	NATURAIS	EXTERNAS	TOTAL	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACCIDENTES TRANSPORTE	MORTES VIOLENTAS	NATURAIS	EXTERNAS	TOTAL	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	ACCIDENTES TRANSPORTE	MORTES VIOLENTAS
ACRE	44,7	55,3	100,0	25,9	2,4	17,1	45,3	90,2	9,8	100,0	1,6	0,1	1,1	2,9
AMAZONAS	33,5	66,5	100,0	37,7	7,0	13,5	58,1	88,3	11,7	100,0	2,7	0,5	1,0	4,2
AMAPÁ	25,0	75,0	100,0	49,0	7,8	12,0	68,8	85,0	15,0	100,0	4,9	0,8	1,2	6,9
PARÁ	29,5	70,5	100,0	48,0	3,2	11,1	62,3	86,5	13,5	100,0	4,0	0,3	0,9	5,2
RONDÔNIA	23,2	76,8	100,0	36,1	6,3	23,7	66,1	82,5	17,5	100,0	2,4	0,4	1,6	4,4
RORAIMA	35,2	64,8	100,0	14,3	13,3	23,8	51,4	80,1	19,9	100,0	1,1	1,0	1,8	4,0
TOCANTINS	30,6	69,4	100,0	25,4	6,4	29,1	60,9	86,6	13,4	100,0	1,5	0,4	1,7	3,6
NORTE	30,4	69,6	100,0	41,5	4,9	14,7	61,1	86,5	13,5	100,0	3,2	0,4	1,1	4,7
ALAGOAS	20,4	79,6	100,0	60,9	2,3	12,2	75,4	86,9	13,1	100,0	5,2	0,2	1,0	6,4
BAHIA	23,0	77,0	100,0	50,7	1,4	9,2	61,2	88,5	11,5	100,0	3,0	0,1	0,5	3,7
CEARÁ	26,7	73,3	100,0	37,7	5,4	20,9	64,0	89,5	10,5	100,0	1,9	0,3	1,0	3,2
MARANHÃO	35,0	65,0	100,0	31,6	3,9	19,6	55,1	89,2	10,8	100,0	2,0	0,2	1,2	3,5
PARAÍBA	28,8	71,2	100,0	39,3	3,1	21,6	63,9	91,6	8,4	100,0	1,7	0,1	0,9	2,8
PERNAMBUCO	21,8	78,2	100,0	57,7	2,7	10,4	70,7	88,9	11,1	100,0	3,5	0,2	0,6	4,3
PIAUI	41,8	58,2	100,0	16,4	7,3	25,5	49,2	90,9	9,1	100,0	0,8	0,3	1,2	2,3
RIO GRANDE DO NORTE	25,3	74,7	100,0	37,3	3,8	14,6	55,7	89,7	10,3	100,0	1,9	0,2	0,7	2,8
SERGIPE	31,5	68,5	100,0	38,3	3,7	18,6	60,7	88,4	11,6	100,0	1,8	0,2	0,9	2,8
NORDESTE	26,0	74,0	100,0	45,7	3,2	14,5	63,5	89,2	10,8	100,0	2,6	0,2	0,8	3,6
ESPIRITO SANTO	16,8	83,2	100,0	57,7	1,3	17,7	76,7	84,8	15,2	100,0	3,9	0,1	1,2	5,2
MINAS GERAIS	27,5	72,5	100,0	36,0	4,6	22,4	63,0	91,3	8,7	100,0	1,4	0,2	0,9	2,4
RIO DE JANEIRO	24,5	75,5	100,0	42,2	0,8	11,6	54,6	90,7	9,3	100,0	1,6	0,0	0,4	2,1
SÃO PAULO	33,0	67,0	100,0	24,4	4,2	26,7	55,3	92,3	7,7	100,0	0,7	0,1	0,8	1,6
SUDESTE	28,2	71,8	100,0	34,5	3,2	20,9	58,6	91,4	8,6	100,0	1,2	0,1	0,7	2,1
PARANÁ	18,2	81,8	100,0	46,3	4,1	25,2	75,6	89,2	10,8	100,0	2,3	0,2	1,2	3,7
RIO GRANDE DO SUL	27,0	73,0	100,0	35,1	7,7	21,5	64,3	91,9	8,1	100,0	1,0	0,2	0,6	1,9
SANTA CATARINA	22,3	77,7	100,0	23,1	6,3	37,6	66,9	89,6	10,4	100,0	0,9	0,2	1,5	2,6
SUL	21,9	78,1	100,0	38,2	5,7	26,3	70,2	90,4	9,6	100,0	1,5	0,2	1,0	2,7
DISTRITO FEDERAL	24,4	75,6	100,0	50,8	4,6	15,7	71,0	87,2	12,8	100,0	3,1	0,3	0,9	4,3
GOIÁS	20,4	79,6	100,0	41,2	4,2	25,1	70,5	87,1	12,9	100,0	2,3	0,2	1,4	3,9
MATO GROSSO DO SUL	22,9	77,1	100,0	36,6	9,3	24,7	70,6	88,0	12,0	100,0	2,0	0,5	1,3	3,8
MATO GROSSO	25,1	74,9	100,0	32,8	5,4	27,4	65,6	83,2	16,8	100,0	2,1	0,3	1,7	4,1
CENTRO OESTE	22,7	77,3	100,0	40,4	5,5	23,7	69,6	86,5	13,5	100,0	2,3	0,3	1,4	4,0
BRASIL	26,4	73,6	100,0	39,7	3,9	19,3	62,8	90,1	9,9	100,0	1,8	0,2	0,9	2,8

Fonte: Waiselfisz, 2011.

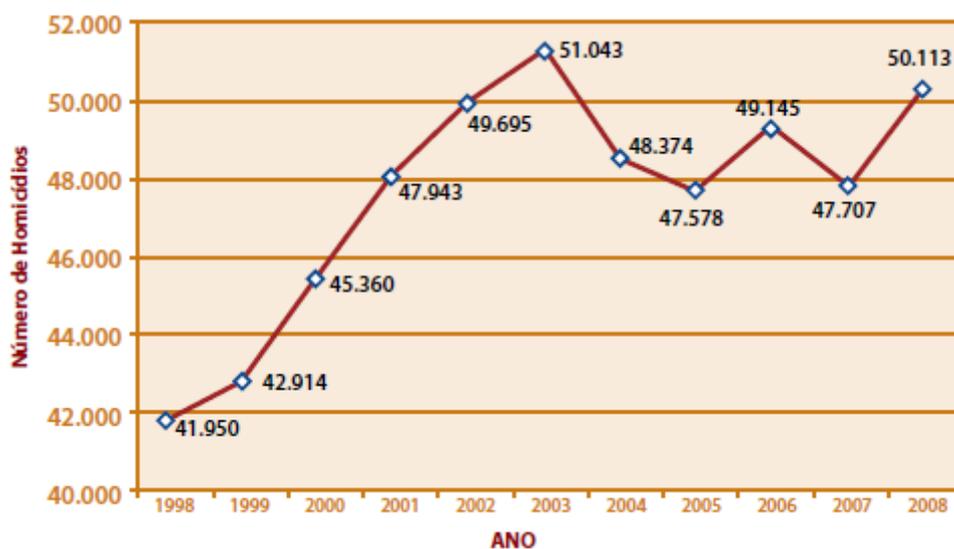
Conforme dados acima mostrados 39,7% dos homicídios estão entre os jovens, enquanto que a taxa de homicídios entre os não jovens correspondem a 1,8%. Outro dado que chama a atenção é a taxa de homicídio no estado do Pará

que corresponde a 48%, vale ressaltar que tais dados também indicam as mortes no campo tão freqüentes no Estado.

Ao analisarmos as regiões, constata-se que no Norte e no Nordeste, nos indicadores de jovens, a proporção de mortes por causas naturais é bem mais elevada do que na região Sul, Sudeste e Centro Oeste, o que pode ser explicado as dificuldades de acesso ao serviço de saúde nessas regiões, sendo mais agravante nos estados do Piauí e Acre, onde mais de 40% dos jovens ainda morrem por causas naturais..

Segundo a pesquisa o número de homicídios aumentou cerca de aproximadamente 10.000 casos em 2008 comparado ao ano de 1998.

Gráfico 2: Evolução do Número de Homicídios. Brasil, 1998/2008.



Fonte: Waiselfisz, 2011.

A faixa etária dos homicídios no Brasil ratificam os dados visualizados nos gráficos anteriores, pois os homicídios na faixa etária de 20 a 24 anos correspondem a 62,5%. Tais dados também confirmam a presença dos jovens na criminalidade e confirmam a ausência de perspectivas de políticas públicas eficazes para a juventude.

Tabela 5: Homicídios por idade

IDADE/ FAIXA ETÁRIA	HOMICÍDIOS	
	NÚMERO	TAXA
0 A 4 ANOS	164	1,0
5 A 9 ANOS	111	0,7
10 A 14 ANOS	615	3,7
10 ANOS	35	1,1
11 ANOS	44	1,3
12 ANOS	70	2,1
13 ANOS	136	4,1
14 ANOS	330	10,0
15 A 19 ANOS	7.543	44,5
15 ANOS	705	21,2
16 ANOS	1.202	35,9
17 ANOS	1.586	46,9
18 ANOS	1.891	55,2
19 ANOS	2.159	62,5
20 A 24 ANOS	11.053	62,5
20 ANOS	2.304	66,1
21 ANOS	2.207	62,8
22 ANOS	2.212	62,5
23 ANOS	2.200	61,7
24 ANOS	2.130	59,2
25 A 29 ANOS	9.146	52,6
30 A 34 ANOS	6.241	41,1
35 A 39 ANOS	4.382	32,9
40 A 44 ANOS	3.266	26,0
45 A 49 ANOS	2.299	20,3
50 A 59 ANOS	2.684	15,8
60 A 69 ANOS	1.102	10,7
70 E MAIS ANOS	662	7,8

Fonte: Waiselfisz, 2011.

Hoje, estamos vivenciando um genocídio de jovens pobres e negros, que morrem e matam em um enfrentamento sem motivos. Mesmo com a resistência de muitos jovens, uma parte dessa juventude, sem perspectiva de vida, longe das oportunidades suscitadas pela educação e cultura, sem lazer, esporte, afeto e com suas auto-estimas mortificadas, acabam se deixando seduzir pela vida do crime. Ao serem seduzidos, aceitam a arma como o caminho para a visibilidade social e o reconhecimento, dentro de suas “comunidades”, “guetos”, enfim, dentro dos espaços onde estabelecem suas relações sociais.

O desejo pelo reconhecimento e valorização é mais profundo que a própria fome física. A cooptação pelo crime é mais que uma intervenção meramente numérica. Os jovens, quando aliciados, organizam-se em torno de núcleos armados de poder que cultivam outros valores. Isso é fruto da via excludente do desenvolvimento capitalista, ligados a processos culturais contraditórios, manipuladores e opressivos.

O Brasil vive, hoje, uma situação crítica, pois a violência criminal alcançou níveis intoleráveis, cuja gravidade não deve ser subestimada. O Brasil é o país das desigualdades, onde a pirâmide da renda nacional nos mostra que os que menos têm, acesso à renda e à escolaridade, à saúde de qualidade, à habitação, ao transporte e à infra-estrutura urbana, são os que mais se mostram aos riscos de tornarem-se vítimas de homicídios dolosos ou outras formas de violência.

A insegurança causa reações adversas como a sensação de descontrole, pequenos atos são motivos para ações violentas, a qual vem estimulando a ação de um Estado penal, através de encarceramento e fortalecimento de mecanismos de controle repressivos e punitivos. Logo, a ausência do Estado, através de garantia de direitos e aplicação de políticas sociais, proporciona o descontrole que se alastra, sendo enfrentado por um controle estatal repressivo.

A violência criminal brasileira, tem avançado de maneira avassaladora, porém, a desigualdade no acesso aos benefícios do Estado, a desigualdade no acesso à Justiça, representam a mais precária da credibilidade das instituições políticas.

No gráfico abaixo há os dados dos homicídios nas capitais dos estados brasileiro, onde identificamos a evolução da violência em muitas capitais, de 1998-2008, como é o caso por exemplo de Belém do Pará, que em 1998 estava numa posição de 16ª cidade com taxa de homicídios correspondendo a 29,1%, mas em 2008 passa para a 7ª cidade com taxa 47% de homicídios.

Mas o contrário também pode ser visualizado no gráfico, pois a cidade do Rio de Janeiro em 1998 tinha uma taxa de homicídios de 62,6%, sendo a 5ª cidade com maior taxa de homicídios do país, porém em 2008 a taxa diminui para 31% passando para 20ª cidade com índice de homicídios.

Tabela 6: Taxas de Homicídio por capitais 1998/2008.

CAPITAL	1998		2008	
	TAXA	POS.	TAXA	POS.
MACEIO	33,3	14º	107,1	1º
RECIFE	114,0	1º	85,2	2º
VITORIA	106,6	2º	73,9	3º
SALVADOR	15,4	25º	60,1	4º
JOÃO PESSOA	38,4	11º	60,0	5º
CURITIBA	22,7	18º	56,5	6º
BELÉM	29,1	16º	47,0	7º
PORTO VELHO	70,3	4º	46,9	8º
PORTO ALEGRE	31,4	15º	46,8	9º
GOIANIA	22,6	19º	44,3	10º
SÃO LUIS	16,5	23º	43,4	11º
CUIABÁ	76,0	3º	42,8	12º
MACAPÁ	51,0	8º	42,1	13º
BELO HORIZONTE	25,0	17º	41,9	14º
ARACAJU	16,8	22º	40,8	15º
MANAUS	40,7	9º	38,4	16º
FORTALEZA	20,3	20º	35,9	17º
BRASILIA	37,4	12º	34,1	18º
NATAL	16,2	24º	31,1	19º
RIO DE JANEIRO	62,6	5º	31,0	20º
RIO BRANCO	38,4	10º	28,9	21º
TERESINA	17,6	21º	27,0	22º
CAMPO GRANDE	36,4	13º	25,6	23º
BOA VISTA	51,5	7º	24,9	24º
FLORIANÓPOLIS	9,3	27º	22,6	25º
PALMAS	12,7	26º	18,5	26º
SÃO PAULO	61,1	6º	14,8	27º

Fonte: Waiselfisz, 2011.

Mas afinal, o que aconteceu em Belém para um aumento considerável de números de homicídios em 10 anos? Que políticas públicas foram utilizadas no Rio de Janeiro para a diminuição do índice de homicídios?

Um estudo minucioso sobre a violência nessas duas cidades poderão nos aproximar de respostas concretas sobre as realidades e ações que culminaram no aumento ou diminuição da violência nessas cidades. Vale ressaltar que há diversos fatores que influenciam nos índices de violência, dentre os quais a lógica perversa da urbanização.

2.2 O espetáculo da violência sob o olhar da mídia

Para a compreendermos a questão da violência e sua relação com a mídia, faz-se necessário discutirmos qual a finalidade da comunicação? Há princípios que direcionam o trabalho jornalístico?

O artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948) fala explicitamente no direito à informação. Para Marx (2006) a imprensa é o espelho intelectual onde o povo se vê, sendo a primeira confissão de sua sabedoria.

Uma emissora pública deve ou deveria ter em seus princípios a democracia como norte, possibilitando ao indivíduo informações que o levem a construir suas idéias e opiniões, ou seja, tornar um caso comum a todos a partir de várias visões que tal fato possa proporcionar, tornando-se, como diria Marx, síntese das múltiplas determinações. Para Guilhon (2007,p.40) “Uma emissora pública deve ter como práxis ouvir sempre os vários atores envolvidos em cada notícia, os vários matizes ideológicos quando se trata da análise de uma determinada política pública, e assim por diante.”

É através da educação e da cultura que o indivíduo exerce sua cidadania plena por meio da autonomia e do pensamento crítico. Segundo Silva (2009,p.266),

Quando falamos em mídia, é fundamental considerarmos a importância de suas expressões (televisiva, escrita, cinematográfica, produções vinculadas à propaganda, entre outras) como elementos que interferem ativamente na vida social dos indivíduos e, conseqüentemente, na (con)formação da sua identidade. As informações transmitidas por estes canais em maior ou menor escala... somam-se a outros determinantes que interferem na forma que o indivíduo se relaciona com o mundo à sua volta, reificando ou alterando aspectos presentes em sua identidade e na sua interação com o “outro”.

A mídia privada tem como objetivo central o lucro, a venda de seus produtos, independente dos mecanismos utilizados. A cultura do consumismo, reduz os indivíduos a simples concorrentes, em objetos de manipulação do mercado. O indivíduo passa a ser reconhecido pelo que tem, dependendo da maneira como o mesmo se insere na sociedade de consumo.

Figura 1: A influência da mídia na vida do indivíduo



Fonte: www.essaseoutras.com.br

Não há como analisar a realidade social, seja pelo aspecto da violência, sem levar em consideração a influenciada da mídia. É através da mídia que mudamos nossos hábitos e costumes, somos bombardeados por modelos de consumo e de comportamentos, porém, é importante enfatizar que a mídia pode ter um papel emancipador, para tanto é imprescindível a apropriação da discussão acerca de sua finalidade, como também a mobilização e exigência da participação da sociedade nos conteúdos e programações.

É neste momento que os profissionais e a população devem se unir para repensar a mídia também como expressão cultural popular, exigindo

qualidade e transparência em suas produções, com vistas a superar a lógica exclusiva da hegemonia do capital na indústria cultural, assegurando-lhe um caráter democrático. O objetivo é investir na busca de isenção na transmissão da informação, no empenho da inovação e na constituição de espaços alternativos às correntes ideológicas predominantes. (SALES, 2009, p. 274)

Dentro dessa análise, como a violência urbana é discutida pela mídia? Há diferentes olhares quando a mesma é publicizada pelos meios de comunicação?

Ao pensarmos em violência e como a mesma é utilizada pela mídia, o primeiro ponto que identificamos é que a mídia trata a violência como uma espécie de darwinismo social, onde os pobres são os menos aptos a viverem na sociedade, justificando, inclusive, seus atos de violência.

O bandido visível nasce em bairro de pobres, é subnutrido, aplaca a fome com cola, com crack, não estuda, apanha e é submetido a sevícias em casa, na rua, na Febem, mais tarde, nas delegacias de polícia. Aprende a empunhar a arma desde cedo, único meio de afirmação da sua existência e da sua reduzida auto-estima. A violência sempre foi a mediação mais familiar que o liga à vida e no seu mundo, tão óbvio quanto manejar uma arma, não há lugar para a fantasia, para o glamour, nem para o romance; toda perspectiva é imediata, sem rodeios, inclusive a necessidade premente de recorrer ao crime. (PINASSI, 2006)

Dentro desta concepção o outro passa a ser visto como um concorrente em potencial é aquele que nos ameaça e que pode tomar tudo o que nos pertence, levando-nos a praticas individualistas, pois vê o outro sempre como inimigo.

O espírito individualista é como um vampiro moderno, que suga a vitalidade das relações humanas sob a lógica do mundo estranhado das mercadorias. O individualismo egoísta virou, tacanhamente, sinônimo de esperteza, uma forma de ser e viver que nos é contemporâneo... Mas no fundo o individualismo é burro e autofágico. (FRAGA, 2002, p. 52).

Mas de onde vem esses indivíduos que praticam diferentes crimes⁶? Tais indivíduos já nascem criminosos? Há alguma relação com o DNA Da família? É materialidade da história que encontramos as respostas para as contradições sociais geradas pelo sistema perverso capitalista, como afirma Pinassi, 2006.

⁶ Juridicamente entende-se por crime a ação ou omissão que constitui ofensa, dano ou perigo a um bem ou valor da vida social e que, por este motivo, é tipificado por lei e passível de punição. (SALES, 2009, p. 268)

...o passado é rude e proletário, condição progressivamente negada pelo capital legal em sua fase de decadência histórica. Assim, durante a crise estrutural o capital os expulsa pela porta da frente para readmiti-los pela porta dos fundos, sob as piores e mais precarizadas condições possíveis. Para eles, inexistem leis a regulamentar limite de idade, jornada de trabalho, insalubridade. A situação, enfim, remete aos piores dias vividos pela classe trabalhadora nos primórdios da revolução industrial. E sobre isso, vale ainda pensar nas campanhas que visam coibir o trabalho infantil, enquanto a própria sociedade condena os “aviõezinhos” do tráfico.

O espetáculo da violência toma proporções incontroláveis, pois as produções jornalísticas e informativas utilizam elementos dramáticos para atraírem a população, e assim, aumentarem o número de consumidores. Vale ressaltar que não há diferentes informações acerca de um fato, no intuito de possibilitar ao leitor ou telespectador a possibilidade de questionar, de analisar tal fato, as informações são impostas, os conceitos já estão pré – estabelecidos e determinados.

Segundo Amaral (2007), o indivíduo não sabendo qual o grau de veracidade do que se veicula na mídia, o mesmo pode acreditar que os índices de criminalidade estão aumentando e superestimar o medo de serem vítimas de crimes violentos. O medo gerado leva à tomada de certas atitudes como novas formas de deslocamento pela cidade, como não passar por áreas “perigosas”, não parar em cruzamentos; buscar espaços seguros, entre outros.

Figura 2: Notícias sobre violência



Fonte:Diário do Nordeste,2009

Figura 3: Notícias sobre violência



Fonte: Valeparaibano,2010.

Mas por que a população não questiona os programas sensacionalistas que utilizam da violência cotidiana e das mazelas individuais para aumentarem a sua audiência, enquanto que esta mesma população é a primeira a questionar e criticar cenas das novelas que trazem a discussão da união homo afetiva, do aborto e até mesmo imagens de muita violência?

A resposta para tais questionamentos está intimamente ligada ao processo de alienação e estranhamento, pois é notório a preocupação das pessoas mais com o que vai acontecer nas próximas cenas das novelas, do que necessariamente com o que vai acontecer com as suas próprias vidas.

Outro fator que também responde e está relacionada ao processo de estranhamento é o fato da população compreender as novelas como sendo o programa da família brasileira, onde ela mesma se vê ou que se ver, sem defeitos e problemas. Já os programas sensacionalistas reproduzem o problema do outro, quem está sendo humilhado e violentado é o outro, não a “minha família”, inclusive com aversão e determinado ódio ao outro.

Esse ódio ao outro não apenas aparece nas ações cometidas pelos agentes do Estado, mas também, por exemplo, em atos de jovens que ateiam fogo em pessoas que dormem indefesas nas ruas de nossas cidades. E o que falar dos pelo menos 156 homicídios praticados por integrantes das gangues do Bronx e dos Ninjas em assaltos, tráfico de drogas, extorsão de comerciantes e moradores de um bairro da zona sul de São Paulo? A primeira impressão é que vítimas e matadores encerram-se em universos distintos, com sociabilidades estanques, nos quais qualquer arbítrio ou agressão torna-se possível pelo simples fato de os agressores não reconhecerem em suas vítimas seres humanos como eles, fazendo delas meros receptáculos da onipotência, ódios e frustrações.(COSTA,1999,p.4)

O ódio ao outro, o prazer em destruir o semelhante, presentes em muitas das violências contemporâneas podem não ser apenas ideológicas. Tais atos desvestem a sociedade, e a solidariedade e a identificação com o outro ser humano passam a ser superficial ou inexistente.

Exagerando as imagens de violência a mídia acaba contribuindo com o medo obsessivo, e que se materializa na aversão ao outro, aumentando inclusive a própria violência.

A mídia tem centralizado os dramas cotidianos e o tem feito destacando, inclusive, os casos que atingem camadas menos privilegiadas. As manchetes alarmistas, a retórica fetichista e as imagens espetaculares de violência, contribuem com o sentimento de insegurança e medo. Para Amaral (2007,p.130), a compreensão da violência urbana é necessária, pois,

Numa sociedade onde as tecnologias de comunicação são cada vez mais presentes e as narrativas midiáticas adquirem grande importância na construção de nossa visão de mundo, torna-se urgente reavaliar as conexões que fazemos a fim de entender o fenômeno da violência urbana, ainda mais quando se percebe que tais temores começam a se deslocar do imaginário e passam a afetar as materialidades de nossos próprios corpos

No documentário *Janela da Alma* (2006) Eugen Bavcar, fotógrafo e filósofo, afirma que “ atualmente vivemos em um mundo que perdeu a visão. A televisão nos propõe imagens prontas, e não sabemos mais vê-las, não vemos mais nada... porque perdemos o olhar interior, perdemos o distanciamento...”. Os jornais já vêm com conceitos pré estabelecidos, a população não questiona as informações, pelo contrário, absorve a opinião de quem escreveu tal notícia e faz dela sua verdade (Figura 4).

Como exemplo temos a campanha que os próprios meios de comunicação estão fazendo para a redução da maioridade penal, onde diariamente é publicizado atos cometidos por adolescentes e a mídia acaba utilizando tais fatos para incentivar o apoio da sociedade para a redução da maioridade penal, sem ao menos discutir os determinantes que levaram o adolescente a cometer um ato infracional.

Figura 4: charge sobre o noticiário da violência

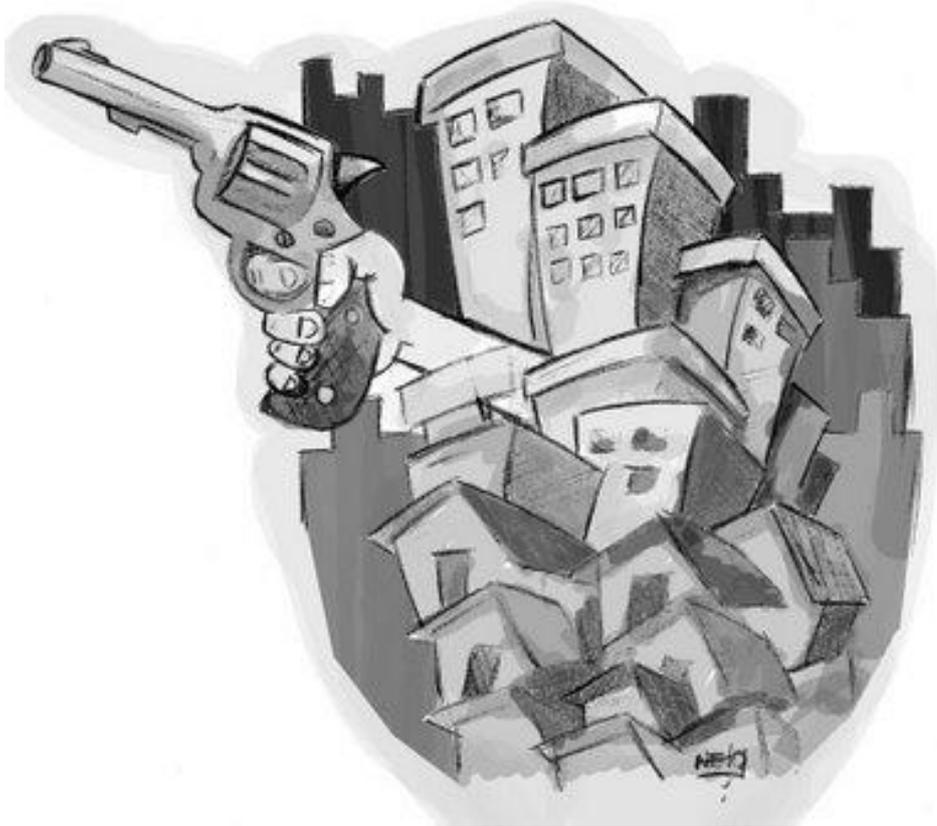


Fonte: www.essaseoutras.com.br

Portanto, o destrocamento do ser social só será vencido quando o homem for um ser rico em necessidades, mas não as necessidades comparadas as do capitalismo e sim, as necessidades humanas, num processo de construção da liberdade humana, sem dominação, para além do capital

CAPÍTULO III

MEDO NA CIDADE: UM ESTUDO DE CASO NO BAIRRO DA TERRA FIRME



Eu vivo sem saber até quando ainda estou vivo
Sem saber o calibre do perigo
Eu não sei d'aonde vem o tiro.

(Herbert Viana)

3-Medo na cidade: Um estudo de caso no bairro da Terra Firme

Este capítulo representa a síntese da pesquisa, pois tem como objetivo reconstituir o sentimento de medo na cidade a partir de um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém do Pará, centrado na apreensão do fenômeno da violência urbana e da fobia reveladora deste sentimento, sob a ótica dos sujeitos que moram e trabalham no referido bairro. Para tal alcance é necessário que retomemos nosso objeto que nos levou as análises de violência e medo na cidade, e que nos faz retomar a pergunta que norteou nosso processo investigativo: **Os determinantes do recrudescimento da violência no bairro da Terra Firme e o aumento do sentimento de medo são fatores que indicam a cidade de Belém como uma fobopole?**

Para a aproximação de respostas ao nosso questionamento utilizamos a abordagem qualitativa, através de entrevistas, semi estruturada, com moradores, comerciantes e policiais que trabalham e/ou residem no bairro da Terra Firme. Vale destacar que as ruas, citadas na pesquisa, foram selecionadas a partir dos resultados de pesquisa realizada por Couto (2008), que espacializou e identificou os pontos de comercialização de drogas no bairro da Terra Firme, além dos registros de ocorrências da Polícia Militar, em 2010, que indicam as ruas onde há índices de violência no referido bairro. É importante ressaltar que tais ruas foram identificadas, utilizando-se as pesquisas acima mencionadas, como sendo áreas de comercialização de drogas, assim como áreas de maior incidência de violência.

No total foram 12 entrevistados e nesta pesquisa, como as respostas se aproximavam mostraremos as mais relevantes para a compreensão da problemática, indicando a situação do entrevistado e a rua onde reside ou trabalha..

Para adentrarmos no bairro da Terra Firme é necessário conhecermos um pouco da cidade de Belém, sua fundação e seu processo de urbanização, pois teremos um melhor conhecimento do processo de ocupação deste bairro, e assim, a compreensão das relações que são estabelecidas nesses espaços.

3.1 A cidade de Belém do Pará e a experiência do medo

Em Belém do Pará, podemos afirmar que as desigualdades sociais atuam como fonte da violência urbana, mas para chegarmos a tal afirmação foi necessário conhecermos um pouco da história da fundação e urbanização de Belém, e assim, compreendermos o sentimento de medo que ronda a vida dos cidadãos, moradores do bairro da Terra Firme e da cidade como um todo.

3.1.1 Fatores históricos da fundação e urbanização de Belém do Pará

Antes de aprendermos melhor sobre os processos históricos da fundação de Belém, é necessário compreendermos o processo de ocupação da Amazônia, pois, a totalidade é fundamental, para uma melhor aproximação da realidade, já que não há como conhecer as partes sem uma visão do todo. Não é possível conhecer a dinâmica populacional de Belém, sem compreender o processo de deslocamento da força de trabalho e da oferta de emprego para a Amazônia, sem compreender o processo das políticas do Estado capitalista e os interesses do mesmo, enfim, se não houver uma visão do todo, se vê apenas partes isoladas e ideologicamente explicadas.

Segundo Leal (1991), a história da Amazônia pode ser dividida em quatro períodos, que são: período exploratório, período colonial português, período de vinculação às economias capitalistas hegemônicas e a fase da atualidade recente.

O período exploratório compreende o século XVI, período em que a Amazônia foi alvo de expedições que foram derrotadas pelo rio ou pela floresta. O período Colonial inicia ainda no séc. XVI, onde ingleses e holandeses vão surgindo como potências mercantis, e começam a se concentrar na Amazônia. Como os holandeses adentraram no Xingu, com as feitorias de Orange e Nassau, os portugueses ocupam e fundam Belém, em 1616. Para Leal (1991,p.12),

As avançadas concepções mercantis de ingleses e holandeses eram uma ameaça ao caráter da colonização ibérica; o extraordinário peso morto representado pelo parasitismo da nobreza e do clero, cujo consumo santuário exigia um saque violento sobre os territórios coloniais para a obtenção de meios de consumo, fazia da Amazônia uma verdadeira vaca de tetas de ouro, cuja perda seria inaceitável.

O terceiro período representado pela vinculação ao capitalismo hegemônico nos traz a consolidação do Capitalismo como modo de produção das sociedades capitalistas e a Amazônia como objeto da ciência.

“A Amazônia, portanto, passou, imediatamente, a ser uma dessas áreas para onde primeiro se voltou o interesse científico burguês, justamente pelo seu imenso lado desconhecido, que tinha sobretudo duas razões de ser: política do sigilo...e a própria natureza da região, enorme, flagrantemente exuberante, impossível de ser encoberta, mesmo sob a mais rigorosa política de segredo.” (LEAL, 1991, p.13)

No quarto período que discute a ocupação recente da Amazônia a análise é sobre o controle da Amazônia pelo imperialismo. , onde o Brasil é inserido no processo da nova Divisão Internacional do Trabalho e com tal inclusão, facilitam o acesso a ocupação da Amazônia e a exploração de seus recursos naturais.

Segundo Rodrigues (1996), a década de 60 foi um marco na inserção da Amazônia ao modelo de acumulação do capital. A concretização, de um dos objetivos do plano de metas, da Belém Brasília, é um desses resultados, pois viabilizou a vinda de um grande contingente populacional, que viriam trabalhar na implantação de grandes projetos na região como na instalação, montagem industrial e na exploração de recursos minerais renováveis e exauríveis.

Não podemos esquecer que a política de incentivos fiscais, uma renúncia do Estado em torno de 50% dos impostos sobre os lucros, um dos motivos que também atraíram grandes investidores para a Amazônia, logo o Estado teve um papel fundamental para a ocupação da Amazônia, pois viabilizou a construção de

estradas, hidrelétricas e outros empreendimentos de capital social básico e infraestrutura, Jaques Rodrigues (1998).

Com relação a intervenção do Estado na ocupação da Amazônia, não podemos deixar de citar a criação do Programa de Integração Nacional (PIN) e a construção da Transamazônica e da Cuiabá Santarém como fatores de extrema importância, para a compreensão dos problemas urbanos que se intensificaram na região.

É importante ressaltar que a ocupação desordenada da Amazônia, não pode ser justificada somente pela população que a ocupou, e sim pela ausência de um planejamento por parte de quem induziu essa abertura, no caso, o Estado e pela divisão de classes e domínio da classe dominante, representada por latifundiários e grandes empresários de soja e de minério..

Com relação às cidades amazônicas, as mesmas tiveram um papel muito importante no processo de ocupação:

A Amazônia tornou-se uma floresta urbanizada, com 61% da população em 1996 vivendo em núcleos urbanos, apresentando ritmo de crescimento superior ao das demais regiões do país a partir de 1970, e uma desconcentração urbana, na medida em que cresceu a população não mais apenas nas capitais estaduais, mas nas cidades de menos de 100.000 habitantes. (BECKER, 2001, p.140).

As cidades tornaram-se grandes núcleos regionais, porém, tornaram-se também um dos maiores problemas ambientais da Amazônia, tendo em vista que a partir do momento em que surgia um núcleo, o interesse era enorme por parte da população e de outros segmentos, que não eram somente da região, mas também de outras regiões, acarretando um desmatamento avassalador, poluição dos rios, aumento da temperatura e outros.

Ainda com relação a população que se deslocou para trabalhar na Amazônia a partir da década de 60, muitos eram nordestinos, que fugiam da seca que anualmente atingia a região, além de trabalhadores oriundos do Sul e Sudeste, já que o mercado começava a ficar saturado, claro que em menor número. Mas o que é importante analisar durante as últimas décadas, é que esses trabalhadores foram importantes apenas num determinado momento, ressaltando que nem todos que

vieram para a região conseguiram emprego, pois a necessidade de mão de obra qualificada, eliminou grande parte da população.

Logo, de acordo com Abelém (1982), o avanço do Capitalismo na Amazônia tem direcionado a uma metamorfose, tanto no aspecto fundiário, quanto, no aspecto social, forçando o camponês a tornar-se um trabalhador assalariado, e o que é pior, a disputar, de maneira desigual, com empresas nacionais e estrangeiras as terras que ocupa.

E a terra prometida para muitos tornou-se um sonho cada vez mais distante, e assim, boa parte dessa população se deslocou para os centros urbanos, nesse caso, Belém e Manaus, na perspectiva de melhores condições de vida, porém encontraram cidades não preparadas estruturalmente para tal absorção.

As desigualdades sociais e a luta de classes aqui consideradas, como expressões da “questão social” e, portanto, determinados pelas contradições imanentes ao modo de produção capitalista, são reproduzidos com intensidades variadas nas cidades brasileiras e amazônicas. Belém, capital do estado do Pará, após o grande ciclo econômico como o da borracha no final do século XIX e início do século XX, é impactada por intensos e agudos processos de segregação sócioespacial.

Segundo Correa (1989), a causa da fundação de Belém está relacionada à questões político-militares, e que a ocupação não visou somente a posse e o controle de um espaço geográfico, mas sim o monopólio da exploração econômica. Como exemplo temos o Forte do Castelo, localizado no centro de Belém, que é considerado como marco inicial do processo de urbanização da cidade, este, desempenhou um importante papel nos embates que os Portugueses travaram para a expulsão dos Ingleses, Franceses e Holandeses, tendo como finalidade resguardar a cidade para posteriormente explorá-la.

A cidade cresceu devido as funções política e econômica que passou a desempenhar no período do auge da borracha. Com o crescimento da procura externa, se verificou a necessidade obtenção de recursos, tanto físico quanto humano, para ampliar a extração gomífera, como afirma Correa (1982, p.111) “A imigração também foi necessária para dar mais agilidade à produção. No período de

1877-1880, período de uma grande seca que afetou o Nordeste, muitos nordestinos se deslocaram em direção aos seringais amazônicos”.

O setor de transportes, que era bastante primitivo foi modernizado, com a introdução do navio a vapor, em 1855, possibilitando uma agilidade no escoamento da borracha.

O processo de urbanização experimentado pela cidade de Belém do Pará a partir da segunda metade do século XIX, não está intimamente ligado a intensificação da vida industrial em sentido restrito, como ocorreu nas cidades européias e americanas, mas pela função comercial, financeira, política e cultural que desempenhara durante a fase da borracha (SARGES,1982,p.85)

Antes do final do século XIX, muitos foram os melhoramentos feitos na cidade, todavia, grande parte com materiais sofisticados, importados da Europa, tendo como finalidade dar um conforto maior a burguesia comercial da borracha. Também se verifica, nesse período, o urbanismo voltando-se para o embelezamento urbano e para as redes de serviços públicos.

O espaço urbano de Belém foi erguido sobre fontes hídricas orientadas à ocidental, pelas Baías de Guajará e, à meridional, pelo Rio Guamá, onde na maioria são áreas de igapó e de várzea, nas quais a ocupação nem sempre se fez de maneira correta com terraplenagem e drenagem adequada. (RODRIGUES, 1998).

Essa configuração geográfica de Belém se constituiu num grande impedimento à expansão urbana da cidade, porém, aos poucos essas áreas foram sendo ocupadas pelas camadas populares, e também pelo capital imobiliário, estimulados pelo Estado através de programas de renovação urbana.

Em 1897, assume o governador Antonio Lemos, este, considerado um dos responsáveis por grandes obras na cidade⁷, como: reforma de várias praças; intensificação da arborização, através de mangueiras nas principais ruas; construção do matadouro público; criação de serviço de limpeza urbana e também com a criação de novos bairros, como afirma Sarges (1990, p.82):

Parte do excedente que se originou da economia gomífera vai ser investido no setor público na área do urbano com o calçamento das ruas da cidade

⁷

Ver em (CORREA,1982)

com paralelepípedos de granito importados...e a própria expansão da **urbe** com a ocupação das terras altas pelas famílias ricas favorecendo a criação de novos bairros como Batista Campos, Marco, Nazaré, Umarizal, onde a elite pode construir suas confortáveis casas, bem distantes do abafado bairro comercial (negrito da autora).

Correa (1982, p.116) ao analisar a administração de Antônio Lemos, verifica que a maior parte dos investimentos, foram destinados ao sistema viário, iluminação em praças e em prédios públicos, que privilegiaram, especificamente, as áreas consideradas da burguesia da borracha. “Assim sendo, pode-se concluir que a gestão Lemista foi essencialmente elitista, voltada para o atendimento dos anseios de segmentos sociais acostumados ao consumo faústico que a borracha proporcionava”.

O resultado dessa política vai ser a elitização do espaço urbano e a expulsão dos setores populares para as áreas mais afastadas do centro da cidade, podemos afirmar que uma das diversas causas dos problemas urbanos de Belém, enfrentados na atualidade, é consequência de fatores históricos ocorridos a mais de um século.

A partir da crise econômica da borracha, século XX, as cidades que foram criadas ou que dependiam economicamente da produção da borracha, perderam um grande número de sua população, porém Belém, juntamente com Manaus, aconteceu o inverso, pois a população das cidades menores, no momento da crise migrou para Belém e Manaus.

Belém evitou a ocupação nas áreas de igapó e de várzea, tanto pelo seu contingente demográfico, estagnado devido a crise da borracha, quanto pelas iniciativas de planejamento urbanístico de Antonio Lemos. Esse processo durou até a década de 40, pois com a segunda guerra mundial, a Amazônia torna-se objeto de fornecimento de látex aos aliados, através dos acordos de Washington. É nesse período que Belém passa a vivenciar novas alterações em sua estrutura, devido a um novo desenvolvimento urbano, possibilitando a condição de centro político-administrativo regional, (JAQUES RODRIGUES, 1998).

Com a crise econômica reduziram-se as exportações, assim como as importações de manufaturados europeus, surgindo um pequeno parque industrial para atender o mercado interno amazônico, o que tornou Belém centro dominante da região, inclusive tendo Manaus como dependente. Correa (1982.p.122).

No que diz respeito às questões internas da cidade, as principais mudanças foram, nos anos 20 e 30, a presença de indústrias nos bairros da Campina (atual bairro do comércio), e do Reduto. Há também, as transformações de algumas residências que se transformaram em empresas ou em prédios públicos.

Há outros fatores foram importantes para uma melhor apreensão do processo de urbanização de Belém, como: a apropriação de terras, em meados da década de 40, por bases militares e por outras instituições públicas, o que dificultava o crescimento da malha urbana, ficando conhecida, segundo vários estudos, como “bloqueio institucional”⁸ de Belém.

A produção do espaço belenense a partir desse momento é influenciada, notadamente, por programas de renovação urbana e pelo papel das camadas populares através da forma espontânea da produção de habitação, principalmente em área insalubres. Nesse sentido, como agentes principais do processo de produção do urbano, destacam-se, além dessas camadas populares, o Estado e o capital imobiliário, que passam a exercer uma ação mais expressiva na organização espacial. (TRINDADE JR.1997.p.46).

As áreas de baixada⁹ foram ocupadas a partir da década de 40, e intensificando-se, nas décadas de 60-70, tendo em vista o período de governo militar e as ações de intervenção na Amazônia - não somente da população, oriunda de outros Estados - como também do capital nacional e estrangeiro.

Segundo Trindade Jr. (1997), é na década de 40, que se tem registro do surgimento de uma das primeiras ocupações existentes em Belém, conhecida como “Vila Sarará”, período que começaram a surgir os primeiros barracos, localizada junto a Av. Marechal Hermes com a Doca de Souza Franco. A partir da década de 50, houve uma intensificação da ocupação na área provocada por alguns fatores, como: localização no centro da cidade; proximidade a área portuária, onde muitos dos que viviam na referida ocupação trabalhavam no porto; área pertencente a união, dentre outros.

⁸ “Grandes áreas pertencentes ao Ministério do Exército, Marinha e Aeronáutica, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Companhia de Saneamento do Pará e outras Instituições públicas que, na década de 40, passaram a formar uma espécie de cinturão(cinturão institucional) à altura dos limites da 1ª Légua Patrimonial” (TRINDADE JR, 1997)

⁹ “... trechos do sítio urbano cujas curvas de nível não ultrapassam a cota quatro, e que chegam a compor cerca de 40% da área mais valorizada da cidade, ou seja, a área correspondente à primeira légua patrimonial” (TRINDADE JR, 1997)

Com os diversos levantamentos sócios econômicos feitos na área, constatou-se que as condições de habitabilidade apresentadas, muito se assemelham às favelas das grandes cidades brasileiras, pois a área caracterizava-se por apresentar sub-habitações, falta de saneamento básico, ausência de equipamentos coletivos e outros, porém, diferenciava - se em termos estruturais das grandes cidades, por serem habitações do tipo palafitas, não tão comum nas grandes cidades brasileiras (foto 1).

Foto 1: Sub-Habitações junto à Av. Marechal Hermes (Década de 60)



Fonte: Trindade Jr. (1997, p.115)

Já a partir da década de 60, outras áreas que antes eram impedidas de serem ocupadas por não serem apropriadas à habitação, foram alvos das camadas populares, que não tinham onde morar, e que construíram suas casas ou palafitas sem nenhuma infra-estrutura em áreas alagáveis, devido à ausência de espaços vazios, o que propiciou a ocupação de áreas ribeirinhas, próximas ao centro econômico. Portanto,

Entre Lemos e o Regime de 1964 vão operar, na face moderna de Belém, contradições de classe quanto ao acesso ao solo urbano e à produção do espaço, modificando a sua estrutura física e sua estética. Assistir-se-à um confronto constante entre a combinação de estilos e a padronização, ambas propositadas, e o desenho espontâneo do urbano marcado pela emergência do capital imobiliário, pelas dificuldades da sobrevivência e pela exclusão social. (RODRIGUES, 1998, p.134).

Diante desse processo, Belém sofreu um grande aumento populacional, devido o bloqueio institucional. A população passou a ocupar áreas próximas e distantes, na área pertencente a 1ª légua patrimonial¹⁰, o grande problema é que, a maioria dessas áreas eram insalubres, não indicadas para habitação, e que passaram a serem reconhecidas como áreas de baixadas, não no seu conceito real, e sim como sendo, áreas inundadas, ou sujeitas as inundações, pertencentes as camadas mais pobres da cidade. (TRINDADE JR.1997).

Segundo Trindade Jr. (1997) As ocupações, na cidade, não ocorreram sem conflitos. O período que mais se intensificou esses conflitos foram no período de 60-80, devido as mudanças ocorridas na região.

Para Trindade Jr. (1997, p.46),

Isso tudo ocorre num momento em que a região passa a vivenciar as transformações decorrentes de sua integração ao Centro Sul do país e cujas repercussões se traduzem num rebatimento decisivo ao nível do intra-urbano, com o crescimento do baixo terciário, a carência de habitação, bem como a favelização acentuada, com insuficiência dos serviços/equipamentos urbanos e comunitários (TRINDADE JR.1997.p.46).

O que se constata, segundo Abelém (1988), é o fato de, com o êxodo rural e a vinda de um numero considerável, da população, de cidades pequenas para Belém e a pressão interna, ocasionada pela população sem condições econômicas, provoca um agravamento da situação habitacional, onde as áreas alagadas, as

¹⁰ Área de aproximadamente uma légua (contada a partir do marco de fundação da cidade)doadada em 1627 pelo Governo e Capitão Geral do Estado do Maranhão e Grão Pará ao Conselho Municipal de Belém, ficando, a partir desse momento, sob o *jus domini* do Governo desse Município” (TRINDADE JR, 1997)

baixadas, vão se tornando em enormes favelas e também em espaços de conflitos e luta pela sobrevivência.

Com o crescimento das ocupações, verifica-se um número reduzido de vazios urbanos, década de 70, o que provoca uma expulsão da camada pobre e uma indução a ocupar as áreas no sentido da Augusto Montenegro e BR-316, e que continuam nas décadas seguintes.

Na década de 80 a população de Belém está em torno de 950.000 e cresce até metade da referida década, todavia, se comparado às décadas anteriores esse índice é considerado baixo, pois, como ressalta Alves (1997), a participação da população da capital paraense baixou de 29,24% para 27,45%. Em 1991 o índice populacional atingia 1.244.688 habitantes, e em 1996 a população era de 1.198.850 habitantes.

Tabela 7: População do Pará e região metropolitana (1996)

ESTADO/ REGIÃO	POPULAÇÃO
METROPOLITANA/MUNICIPIOS	(HABITANTES)
	1996
PARÁ	5.590.764
RMB	1.478,437
BELÉM	1.198.850
ANANINDEUA	279.587

Fonte: Alves (1997, p. 40)

Esses dados nos revelam, por exemplo, a questão do desemprego e conseqüentemente, das precárias condições de habitabilidade da população belenense, já que com o crescimento das cidades menores, diminui a centralidade econômica que anteriormente Belém exercia, nesse sentido, o índice de desemprego aumenta, resultando em sérios problemas habitacionais:

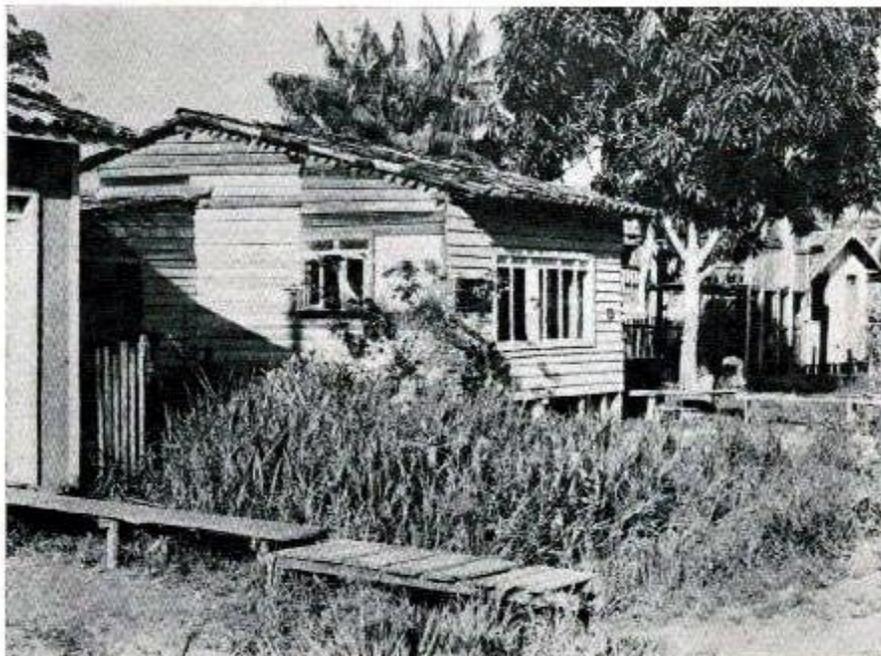
“(...) o crescimento demográfico e a não absorção de parte daquele contingente no mercado de trabalho contribui para o agravamento do problema habitacional, bem como para o aumento das invasões de terra na RMB” (ALVES, 1997,p.41, Negrito da Autora.).

O espaço urbano de Belém, nas últimas décadas, está subordinado às políticas de modernização, de ocupação e de segmentação.

3.2 O bairro da Terra Firme: da origem à atualidade

O bairro da Terra Firme surge na década de 1940, sendo, historicamente, considerado um bairro muito novo. Seus terrenos, pelas características topográficas, sofrem a influência das chuvas e das marés (pela proximidade com um dos afluentes do rio Guamá, que margeia a cidade de Belém), permanecendo, permanente ou temporariamente, alagados a maior parte do ano. As famílias que lá se instalam o fazem por não terem outra alternativa de acesso à terra para morar, resultado da intensa concentração demográfica nas terras altas da cidade de Belém, e ganha essa denominação pela ocupação inicial de uma estreita faixa de terra considerada “terra firme”, que ao longo do tempo não foi suficiente, dado o intenso fluxo populacional levando à ocupação também dos terrenos alagados ou alagáveis. Segundo antigos moradores, este bairro era muito calmo, onde as famílias se reuniam em frente às suas residências para contar histórias, sem preocupação com assaltos ou outros tipos de violência.

Foto 2: Bairro da Terra Firme em 1960



Fonte: Penteadó (1968,p.335)

Penteadó (1968,p.334) descreve a Terra firme como sendo um bairro escondido entre as mangueiras e palmeiras, edificado com casas de tábua, sobre baixas estacas, o que nos faz lembrar áreas de palafitas, cobertas com folhas de palmeiras ou telhas. Segundo o autor:

O bairro tem um aspecto de provisoriedade bem acentuada; apenas sua principal via, asfaltada, foge a esta característica; por ela se atingirá a futura cidade universitária de Belém...a presença de vidraças em algumas casas constitui um elemento a favor do melhor padrão de vida de seus habitantes, assim como a cobertura de telhas de barro.

Em 1960, o bairro da Terra Firme era o segundo menos populoso, enquanto que bairros como Guamá, Jurunas e Umarizal, tinham um índice considerável de contingente populacional.

Tabela 8: Distribuição da população em Belém/1960

Distribuição da população em Belém/1960	
Bairros	População
Área central	11.671
Comércio	
Bairros	População
Bairros periféricos ao centro	
Cidade Velha	12.125
Reduto	369
Bairros da zona Sul	
Batista Campos	12.347
Jurunas	29.969
Cremação	14.025
Condor	12.447
Guamá	23.400
Bairros da zona Leste	
Nazaré	14.307
São Brás	15.049
Canudos	15.686
Terra Firme	4.210
Bairros da Zona Norte	
Umarizal	33.289
Matinha	12.273
Télegrafo sem Fio	30.148
Sacramenta	20.773
Pedreira	20.619
Marco	40.550
Souza	15.547

Marambaia	10.460
Total	359.988

Fonte: Penteado (1968,p.318)

Para Penteado (1968,p.336) o bairro da Terra Firme é muito modesto; pois em 1950, não estava ainda estruturado, era habitado por uma população humilde, que vivia alojada em ‘barracas’, sua população correspondia a apenas 1,16% dos habitantes de Belém e a densidade por hectare é uma das mais baixas da cidade 39,7 hab/há”. Segundo o autor, o bairro da Terra Firme evolui de maneira desordenada, com ausência de arborização, e com uma certa provisoriedade, com tendência a desaparecer, devido a construção da cidade universitária.

É muito provável que, com a construção da cidade universitária do Pará, o bairro da Terra Firme venha a desaparecer ou, pelo menos sofrer sérias limitações no seu crescimento; se assim for, poderá surgir o grave problema do deslocamento de milhares de pessoas para outros bairros de Belém, fato único na vida da capital paraense e de conseqüências imprevisíveis, pelo menos, no momento atual. (PENTEADO,1968,P.336)

O interessante na análise Penteado (1968) sobre as perspectivas futuras para o bairro da Terra Firme não é de um bairro com muitas possibilidades de crescimento, pelo contrário, poderia inclusive, desaparecer após alguns anos. Porém, tal análise nos ajuda a compreender a dinâmica da cidade, e como a apreensão do processo de ocupação da cidade de Belém é importante para entendermos, por exemplo, em vez do desaparecimento do bairro da Terra Firme, o crescimento exacerbado do referido bairro, já que a partir da década de 70 houve um crescimento populacional considerável no bairro.

O intenso processo de adensamento populacional no bairro da Terra Firme, durante as décadas de 1970 e 1980, segundo Couto (2008) é determinado, entre outros fatores, pela: valorização do solo no centro da cidade elevando o custo da terra e expulsando muitas famílias que lá residiam; maior disponibilidade de terras nas baixadas, já que as mesmas não interessavam aos especuladores, o que provocou a atração de famílias de trabalhadores de baixa renda levando-as a

ocuparem estas áreas; proximidade com as áreas centrais de Belém, onde estão concentrados os equipamentos e serviços coletivos básicos.

A partir de 1990, intensifica-se ainda mais essa concentração demográfica no bairro, com a maioria de ocupações irregulares e precárias, dada a insuficiência ou falta de infraestrutura e regularização fundiária, o que leva à agudização de múltiplos problemas sociais, expressões da “questão social” engendrada pela lógica capitalista vigente na atual organização social, política e econômica. Neste sentido, o bairro da Terra Firme passou a ser identificado como um bairro de pessoas pobres e de altos níveis de violência.

Segundo Rodrigues (1996,236),

o bairro da Terra Firme é absolutamente horizontalizado, sua tipologia urbana é favelada. Foi estruturada em sítio predominantemente alagável, ou seja, em área de baixada, a partir de uma extensa área institucional até hoje formalmente pertencente à Universidade Federal do Pará, dentro da Primeira Légua Patrimonial. Sua população em 1991 era de 59.231 habitantes, representando 4,5% da população do setor urbano. Não há dúvida que áreas de tipologia de favela em baixadas estarão perfeitamente representadas pelo bairro.

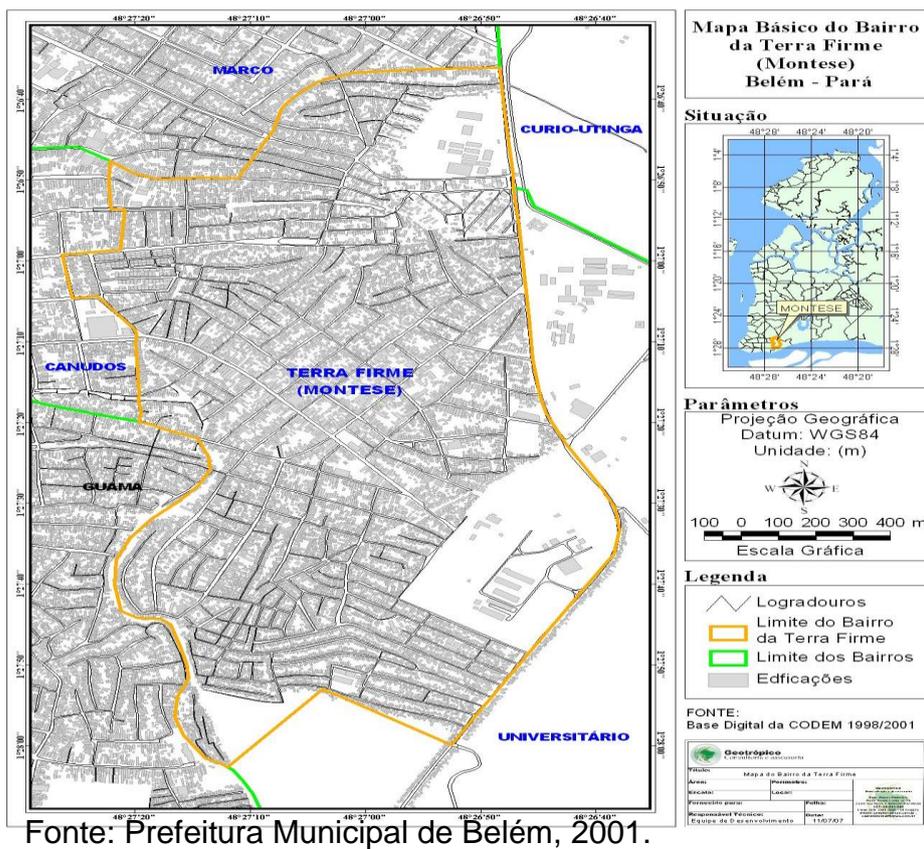
Na atualidade, o bairro da Terra Firme é um dos mais populosos de Belém e é também onde existem índices de criminalidade e intenso tráfico de drogas. Este fenômeno é acirrado pela disputa por “pontos” de venda de drogas, deixando a população em constante sobressalto e, principalmente, impactada pelo desconforto da mudança não desejada de hábitos cotidianos.

O quantitativo populacional do bairro da Terra Firme não pode ser considerado como o determinante para as mudanças dos hábitos cotidianos dos moradores, nem para o alto índice de violência no referido bairro, pois o processo de ocupação e urbanização da área, marcados pela ausência de políticas públicas de caráter estruturante como a de habitação social, de saneamento, de geração de trabalho e renda, entre outras, são elementos que nos ajudam a compreender dos fenômenos da violência e do medo no bairro.

A Terra Firme está inserida dentro de uma lógica de informalidade, compreendida a partir de altos índices de ocupações espontâneas que fogem aos padrões normais de ocupação territorial, como o adensamento, alinhamento,

tamanho dos lotes entre outros. No bairro da Terra Firme há uma concentração de população de baixa renda, onde não há ruas com pavimentação adequada, rede de esgoto, áreas de lazer, coleta de lixo regular e segurança pública, além do transporte coletivo que não atende a demanda da população do referido bairro.

Mapa 1: Mapa do Bairro Da Terra Firme



3.3 Medo na cidade: que fobia é essa?

O bairro da Terra Firme é um bairro populoso e os sujeitos que lá residem trazem histórias, construídas a partir da urbanização da cidade, de separação de

pais, de perspectivas de vida, enfim, são muitas as histórias que fizeram com que diversos sujeitos escolhessem o bairro da Terra Firme para viver.

Para a obtenção da apreensão dos moradores sobre o bairro da Terra Firme, foi utilizado entrevistas com diversos sujeitos que residem e trabalham na área, buscando a concepção de como os mesmos vêem o bairro e como se sentem morando na Terra Firme.

Os entrevistados foram selecionados a partir de algumas análises situacionais como:

- Que fossem moradores das ruas 24 de dezembro, Nossa Senhora das Graças, Celso Malcher, Perimetral e Comissário.
- Policiais militares que trabalham e residem no bairro;
- comerciantes da feira da Terra Firme.

Vale ressaltar que as ruas foram indicadas a partir do mapa de circulação das drogas (COUTO, 2008) e dados do Serviço de Inteligência da Polícia Militar sobre o índice de homicídios e assaltos no bairro.

As perguntas utilizadas no processo de entrevistas nos deram um olhar diferenciado sobre o bairro da Terra Firme, diferente inclusive do que é propagado pela mídia local, mas principalmente revelam a apreensão dos sujeitos que vivem e trabalham no bairro, como veremos a seguir.

Foram feitas 12 entrevistas, porém as respostas aqui apresentadas não são fixas de um mesmo entrevistador, foram escolhidas a partir da relevância com o objeto, e indicadas a partir da rua ou pela atividade que exerce no bairro.

A primeira pergunta feita aos entrevistados foi o tempo de moradia dos mesmos no bairro da Terra Firme e observamos que os entrevistados residem há bastante tempo na área, sendo que alguns nasceram no bairro e viram todo o processo de construção e mudanças pelo qual a Terra Firme foi submetida.

Eu moro na Terra Firme há mais de 30 anos, vim com meus pais pra cá e tentar a vida para melhorar as coisas na família.”
(morador da passagem Nossa Senhora das Graças).

Eu moro há 43 anos no bairro, nasci na Terra Firme. (policia
militar que trabalha e reside no bairro).

Eu estou na Terra Firme há uns 40 anos...vim muito criança pra
cá. (comerciante e moradora do bairro)

Eu trabalho aqui no meu comércio há 15 anos. (comerciante)

A segunda pergunta foi do local de origem, ou seja, gostaríamos de saber com as respostas se os entrevistados nasceram em Belém, se seus familiares vieram de outro município ou Estado. A maioria dos entrevistados veio de outros municípios do Estado do Pará.

Eu nasci em Belém mesmo (policia militar)

Eu vim de Abaetetuba pra cá com a minha família. (comerciante e moradora)

Sou do Moju. (comerciante)

Eu nasci em Mocajuba. (moradora da rua 24 de dezembro)

O bairro da Terra Firme, mesmo sendo uma área alagável, tornou-se um local de grande atração populacional, principalmente de imigrantes, devido estar localizada na primeira légua patrimonial, o que facilitava o acesso ao centro da cidade, segundo Rodrigues (1996, p.244). “Sua população de não naturais é mais que o dobro do que a do bairro de Nazaré”.

Muitos moradores que vieram para morar em Belém, e foram para o bairro da Terra Firme, tiveram como objetivo a busca por emprego, saúde, educação, enfim, era uma fuga da precariedade de serviços vividos em seus locais de origem, numa perspectiva que a metrópole poderia os proporcionar.

Ao serem perguntados sobre a trajetória de vida até chegar no bairro da Terra Firme, alguns vieram desde pequeno para o bairro com a família, outros nasceram no bairro, há também os que vieram para morar por ser um bairro próximo do centro.

A gente passou muita dificuldade, meu pai era carregador na feira e a gente morava no bairro do Telégrafo.. Meu pai não teve escolaridade e nem minha mãe, somos 5 cinco filhos, ou melhor 4, o mais novo já morreu. (morador da passagem perimetral)

Minha mãe decidiu morar no bairro da terra firme, era tranqüilo morar no bairro da terra firme... uma cidade pacata..eu lembro que a área da universidade era só mato. (policia! militar)

Nossa família decidiu morar no bairro da terra firme e trabalhar aqui mesmo. A gente morava no bairro do Marco e veio montar nosso comercio aqui. (comerciante do bairro).

Sobre as mudanças ocorridas durante os anos no bairro da Terra Firme, são interessantes os relatos de um bairro tranqüilo, bom para residir, e que com o tempo perdeu um pouco do seu encantamento.

Eu morava ali na Comissário... lembro que da passagem carita para lá era só mato...então a minha infância foi toda ali naquela área... o bairro ficou popular.. a gente saia...de uns tempos próximos, vieram as invasões. Com a chegada dos invasores a situação passou a complicar mais né! As pessoas foram para morar e começou a complicar mais, principalmente porque depois vieram as gangues, as pessoas começaram a assaltar, a roubar e com a ligação da ponte Terra Firme e Guamá a situação piorou, pois aumentou o número de gangues e proporcionou a inserção do tráfico de drogas. (policia! militar)

A Terra Firme era muito calma...a gente podia ficar na frente das nossas casas e as crianças podiam brincar...tinha muito mato...pouca gente morava aqui no bairro...sempre foi perto de tudo, isso era muito bom...criei meus filhos sem preocupação...não é como hoje né!” (comerciante e moradora)

Mudou tudo. O bairro era tranqüilo, tive muitos amigos aqui.. conheço tudo no bairro, perdi muitos amigos aqui,mas a maior perda foi meu irmão. Ele era usuário de droga, vivia na 24 de Dezembro, estava devendo muito dinheiro para aqueles caras” (morador da perimetral)

“ A Terra Firme era tranqüila, bom de se trabalhar e se vender, mas depois de uns anos tudo mudou, ai já viu né!” (comerciante do bairro)

O bairro da Terra Firme era considerado um bairro provisório e sem perspectivas futuras. Um bairro calmo e com muitas árvores presentes na área. As

famílias tinham como hábito sentar na frente de suas casas, conversar com os vizinhos, ou seja, estabeleciam um bom convívio social.

Foto 3: Bairro da Terra Firme/1960



Fonte: (PENTEADO,1968,p.335)

Os moradores mais antigos lembram com nostalgia a época tranqüila no bairro, onde não existiam grades e cadeados, as pessoas se conheciam e não se fechavam em suas residências, além da proximidade com o centro da cidade. É importante ressaltar que em seu surgimento, o bairro já nasce precário, sem nenhuma infraestrutura, pois as famílias que ocupam a área, em sua maioria, são pessoas pobres, oriundas de outros municípios do estado do Pará, que vieram para a capital do estado em busca de melhores condições de vida.

Aos entrevistados foi perguntado sobre a existência de áreas de lazer, escolas, posto de saúde e como são utilizados pela população da área, as respostas são sempre direcionadas a inexistência de áreas de lazer, precariedade nos postos de saúde e insatisfação com o a educação no bairro.

Existem escolas públicas, inclusive eu estudei no brigadeiro Fontenele, mas hoje em dia dificilmente colocaria meu filho pra estudar lá. Se eu te disser que minha mãe já ficou tantas vezes de madrugada esperando uma ficha para o médico, e o pior é que muitas vezes eles não iam trabalhar. Se eu te disser que não melhorou vou estar mentindo. O novo posto lá perto da perimetral até que é razoável, mas na Terra Firme moram muitas pessoas, logo, a população não é atendida como deveria. Em relação a praça, considero um reduto de ladrão, ninguém vai para conversar naquele espaço, e a noite é muito perigoso lá, eles não respeitam nem a igreja e nem a polícia. (morador da Perimetral)

Praças são um problema, em termos de escola é precário, posto de saúde tem um problema em relação aos médicos... alguns médicos tem até medo de trabalhar na terra firme né..hj ta melhor..” (policial militar)

a gente não tem praça, não é como antigamente que as crianças brincavam na rua...as escolas daqui não prestam, e o posto médico tem que ir de madrugada pra pegar ficha, mesmo com aquele novo posto que o Edmilson construiu... (morador da passagem comissário)

Tem uma praça, mas só dá ladrão a noite, não deixo meu filho ir para lá, ai ele tem que ficar trancado em casa né...meu filho estuda em outro bairro porque as escolas daqui, não confio...se eu precisar desse posto acho que eu vou morrer, porque não tem condições pra atender esse tanto de gente” (policial militar)

No bairro da Terra Firme há uma praça, intitulada Olavo Bilac, onde há uma concentração de pessoas em todos os horários do dia, pois pela manhã a mesma é utilizada como espaço para venda de mercadorias e a noite são os jovens que ocupam tal praça.

Foto 4: Praça Olavo Bilac



Fonte:

Fonte: <http://pontomemoriaterrafirme.blogspot.com/>

Segundo os moradores a praça serve apenas para reunião de “bandidos”, mesmo estando cercada por grades e seja administrada pela Igreja São Domingos de Gusmão. Além disso, é o ponto de referência para venda de produtos roubados, Conhecido como “Shopping chão”.

Como diz MV Bill, no rap *Contraste Social*, o rico vive bem e o pobre sempre vive mal, fazendo a crítica aos governantes que só prometem e nunca fazem nada, à situação precária da saúde e ao preconceito com os moradores que vivem em áreas de favelas, mas que podemos também comparar as nossas periferias e/ou áreas de baixadas:

O posto de saúde é uma indecência
Só atendem se o caso for uma emergência
Sociedade capitalista com o sorriso aberto
Rir de longe é melhor que sofrer de perto
Miséria e morte é o nosso dia a dia...

Existem no bairro 2 (dois) postos de saúde, mas, segundo os entrevistados, não atende a demanda da população, pois é precário o atendimento devido a falta de recursos e investimento em melhorias na estrutura do posto, e há casos de médicos e outros profissionais aceitarem virem trabalhar no bairro, devido a violência que é tão publicizada pelos meios de comunicação..

O medo é um sentimento que objetiva evitar toda forma de perigo iminente e dependendo do momento histórico pode ser mais ou menos latente na sociedade. Para Delumeau citado por Baierl (2004,p.48)

o ser humano é o único ser que antecipa a sua morte, pois sabe desde cedo que um dia morrerá. Enquanto o medo dos animais é fixo, idêntico e imutável, na espécie humana ele ganha uma multiplicidade de formas não estáticas,mas em profundas mudanças, pois é construído culturalmente. Cada cultura e cada sociedade constroem compreensões do significado e do sentido do medo, dando conteúdos diferenciados em cada tempo e espaço. Assim, os medos dominantes nas sociedades que existiam no passado não são idênticos aos medos que hoje predominam nas sociedades urbano industriais.

Em relação ao gostar de morar no bairro, alguns entrevistados afirmam que apesar de todos os problemas vivenciados na Terra Firme, não deixariam o bairro, outros afirmam que se tivessem oportunidade venderiam suas casas e procurariam um lugar mais tranquilo, já outros afirmam que gostam do bairro por ser perto do centro da cidade.

Eu gosto, é tranquilo! As pessoas conhecem a minha família, algumas pessoas me conhecem como polícia, você tem que viver de acordo com a vizinhança...esses caras que são ladroes, esses jovens que assaltam, são filhos de amigos que cresceram comigo... na época da nossa infância a gente ia para UFRA e tinha esporte para nós...mas hoje existem muitas pessoas desocupadas, porém não tem mais essas atividades. (policial militar)

Não! Tenho vergonha de dizer que moro aqui, prefiro dizer que sou de canudos e invento uma rua de canudos pra dizer que moro lá. A gente vive com medo de tudo aqui, não saio de celular pra ir na farmácia, imagina! Saio pra trabalhar e se eu quiser sair pra me divertir, só tenho que voltar no outro dia, já que nem meus amigos e nem o taxista querem me trazer até aqui. (morador da perimetral)

Eu gosto de morar no bairro da terra firme! É tudo perto... o que você quer você vai ali e compra na feira e rápido tu estás no comércio...é mais a mídia que passa coisas negativas do bairro (morador da passagem nossa senhora das graças)

Eu gosto, mas se eu tivesse dinheiro já tinha ido pro Rio de Janeiro com a minha filha...não dá mais pra viver no bairro, a gente pode ser assaltada a qualquer hora, principalmente a gente que tem comercio né! (moradora e comerciante)

Para alguns entrevistados, mesmo com toda dificuldade que enfrentam no bairro, não desejam sair da área, devido a proximidade com os serviços e a qualidade com o transporte que é razoável, se comparada a outras linhas de ônibus. Já outros entrevistados afirmam que se tivessem condições sairiam do bairro, pois o fato de morarem na Terra Firme contribui para uma imagem negativa dos mesmos perante a sociedade, já que os táxis não levam passageiros em determinadas ruas e horários, o serviço dos Correios determinou que os moradores residentes em algumas ruas do bairro, deverão pegar suas correspondências na agencia dos Correios mais próxima, algumas mercadorias de lojas também não podem ser entregues em algumas residências, enfim, há alguns impedimentos objetivos que frustram os moradores e contribuem para o desejo de saírem do bairro.

Sobre o medo de morar no bairro da Terra Firme as respostas se divergem, pois mesmo sendo um bairro conhecido por ações de violência, alguns entrevistados dizem que é a mídia que passa uma imagem negativa do bairro e que não tem medo de morar na área, outros não negam o medo de morar no bairro e relatam experiências de violência.

Medo? Tenho muito, mas acho que já me acostumei com tudo aqui..se eu pudesse ia embora, mas onde vou comprar uma casa em que eu possa ir pro trabalho rápido, o terminal é bem aqui, vou ao shopping a hora que eu quero. (morador da perimetral)

Eu não tenho medo de morar na terra firme! Hoje está melhor, porém em relação ao tráfico aumentou, já que os homicídios são em relação aos próprios grupos da criminalidade...isso a televisão não fala! É ladrão matando ladrão! (policial militar)

Eu tenho medo porque já fui assaltada várias vezes, mas isso é em todo lugar né! Se eu me mudar eu sei que vou sentir medo também, então é melhor ficar na terra firme que eu já conheço (moradora da Nossa Senhora das Graças)

Eu tenho um pouco de medo, até mesmo porque minha casa já foi assaltada e levaram tudo, foi horrível, mas to comprando tudo de novo para casa. Eu gosto da terra firme e não gosto quando as pessoas discriminam a gente só por morar aqui. (comerciante e moradora).

O medo à violência pode ser avaliado como uma reação causada pela percepção de perigo, que pode estar relacionada por fatores concebidos no local onde reside, como por exemplo, os noticiários de ocorrências de homicídios, furtos, arrombamentos, dentre outros.

O sentimento de medo influencia o próprio Estado, pois permite ações autoritárias, leis mais punitivas, criação e privatização de presídios, legalização do porte de armas, dentre outras. Vale ressaltar que tal demanda, é respondida, para favorecer muito mais a classe média do que os trabalhadores que estão na periferia. O medo também legitima o discurso moralista de que os problemas vivenciados na sociedade, por conta da violência, é resultado de uma decadência moral, onde as famílias estão sendo desfeitas, a livre orientação sexual está sendo legalizada, as mulheres estão sendo liberadas de suas residências, ou pode ser também justificado, pela crise religiosa.

Figura 5: Insegurança no bairro da Terra Firme



Fonte: Amazônia Jornal, 28/11/2010)

Para moradores que utilizam transportes que passam no bairro da Terra Firme, há escolhas de linhas de ônibus, pois verifica-se um certo preconceito para com os moradores do bairro da Terra Firme, no entanto, há um preconceito dos próprios moradores do bairro, podendo ser observado na seguinte fala: “eu não pego o ônibus que vêm do Tucunduba, porque pra lá só é ladrão.”

O medo que muitos moradores dizem sentir, não fica no âmbito apenas da subjetividade, ele se materializa pelas ações de seus moradores, como por exemplo, as residências todas gradeadas e sempre fechadas, pouco contato com vizinhos, acessibilidade restrita, determinada pelo próprio morador, que construiu, a partir de atos de violência no bairro, lugares menos perigosos para se locomover. Para Souza (2008,p.41),

a criminalidade e o sentimento de medo e insegurança associados ao seu aumento irão gerar impactos sócioespaciais negativos importantes, ao quais

servirão de obstáculos para o enfrentamento de vários fatores de injustiça social e má qualidade de vida entre os próprios pobres...

Ou seja, dentre os fatores que podem ser considerados conseqüências do sentimento do medo está o individualismo que segrega os indivíduos e os impossibilita a estabelecer a sociabilidade.

Foto 5: Insegurança (lojas gradeadas)



Fonte: Silva, 2011

Foto 6: Insegurança (casas gradeadas)



Fonte: Silva, 2011

Foto 7: insegurança (casas gradeadas)



Fonte: Silva, 2011

Foto 8: insegurança (casas gradeadas)



Fonte: Silva, 2011

Ao perguntar se o bairro da Terra Firme é violento, as respostas são diversas, principalmente dos policiais militares que afirmam que o bairro não é violento, que as ações de violência são focalizadas e apenas ligadas ao tráfico, enquanto que os comerciantes afirmam que o bairro é inseguro, já os moradores dizem que alguns lugares na terra firme são violentos.

O bairro não é violento! Os homicídios acontecem entre a própria malandragem, é disputa de ponto de droga, onde tem asfalto o bandido procura se mudar. (policial militar).

É violento sim! Eu já vi corpo aqui na 24 de Dezembro, mas a gente não pode falar nada porque o traficante manda matar a gente...porém também não é assim como dizem, a gente anda tranquilo em alguns lugares. (moradora da passagem 24 de dezembro)

A Terra Firme está violenta sim! Nós temos que fechar o comércio às 12 horas, e olha que mesmo com a delegacia aqui na frente, nós podemos ser assaltados a qualquer hora...foi assim na Big bem lá da praça, mesmo com a polícia bem pertinho, os caras assaltaram lá. (comerciante).

É como em todo bairro, tem alguns lugares que eu acho perigoso, mas não tanto assim né! A gente tem que saber andar e não ir mostrando celular, cordão por aí! (moradora da Comissário)

Constata-se que a Terra Firme tornou-se um bairro onde o medo prevalece, em que os moradores mudaram a arquitetura de suas residências e de suas instalações comerciais, passando a construir grades com cadeados nas fachadas das mesmas e a contratar vigilância particular permanente. Há, inclusive, horários recomendados para o trânsito de pedestres nas ruas, sendo os não recomendados os horários entre 12hs às 16 h e de 20hs às 06 da manhã, além de determinadas ruas que não são recomendadas transitar nestes horários.

O bairro da Terra Firme tem sérios problemas sociais, pois além da infraestrutura que é precária, ainda tem o problema da educação, saúde e lazer. A violência no bairro não pode ser a determinante para tais problemas, pelo contrário, ela é determinada pela ausência do Estado. Segundo Souza (2008,p.41),

A criminalidade (ou, pelo menos, parte dela, já que há “crimes e crimes”, com causas e motivações muito variadas) é, em um país como o Brasil, em larguíssima medida, um subproduto da “dívida social” acumulada há gerações e gerações sob a mediação de fatores institucionais (falência e inadequação intrínseca do sistema prisional, corrupção estrutural do aparato policial etc.) e culturais (ascensão de valores como consumismo, individualismo hedonismo).

Figura 6: notícia sobre rua mais perigosa do bairro da Terra Firme



■ **A ponte** da passagem Ligação fica em uma das áreas mais conhecidas e perigosas do bairro, marcado pela ação de traficantes
Fonte: Amazônia Jornal, 28/11/2010)

Souza (2008) em sua análise trás elementos importantes que justificam o aumento da criminalidade no Brasil, porém, não podemos justificar apenas a corrupção da polícia, o sucateamento dos presídios, o consumismo e o individualismo como causas da criminalidade no país, pois, a gênese da violência nas cidades podem ser muito mais explicadas e responsabilizadas pela contradição imanente ao modo de produção capitalista, onde problemas estruturais, de natureza econômica, social e política são fatores que nos ajudam a compreender a dinâmica das cidades, inclusive, a violência urbana.

Sobre as ruas no bairro da Terra Firme que os entrevistados acham mais perigosas ou que eles evitam passar, as ruas onde há o comércio de drogas, são as menos citadas pelos entrevistados:

ligação, Lauro Sodré, área de bloquete, perto de da ponte grande do Tucunduba. (policial militar)

Celso Malcher, Ligação, Lauro Sodré. (comerciante)

Perimetral, Comissário e ponte do Tucunduba (morador da Comissário)

Vilhena, Perimetral, Brasília e São domingos (morador da passagem Nossa Senhora das Graças)

Ali? Me róba logo! Esta é uma gíria bastante conhecida pelos moradores do bairro da Terra Firme e de outras áreas periféricas da cidade de Belém. A mesma significa que há certas ruas em que as pessoas não podem transitar, pois serão assaltadas. O mais surpreendente é que nas ruas onde há o domínio e a circulação de drogas, o índice de assaltos é muito pequeno, ao contrário de outras ruas onde os assaltos são constantes. De acordo com informações que circulam na mídia local e nacional, os traficantes não aceitam assaltos nas áreas em que atuam, pois reconhecem que estas ocorrências atraem a atenção da polícia, o que dificulta a comercialização das drogas.

Em algumas ruas onde o tráfico se manifesta é perceptível alguns elementos que são reconhecidos por outros grupos como uma demarcação simbólica do tráfico de drogas, ou representam áreas de risco como a polícia prefere chamar, a exemplo da velha ponte da Passagem Nossa Senhora das Graças (ver fotografia 08) que é conhecida no bairro pela atuação de grupos ligados ao tráfico de drogas na área de encontro. Na Passagem 24 de dezembro, onde o comércio da droga impera destacando-se por ser uma área de alta periculosidade, principalmente para moradores que não são reconhecidos como da área, ocorrem assaltos constantes e assassinatos, não sendo recomendável passar por essa área tarde da noite. (COUTO,2008,p.84)

Em uma notícia publicizada em um jornal de grande circulação em Belém, no dia 28/05/2010 trás uma fala de um morador que resume bem a relação assaltos e

tráficos, onde o morador diz que na noite anterior teve muito assalto, na Passagem Comissário, que segundo ele, eram traficantes expulsando assaltantes, pois, se os policiais aparecem na área, dificulta o tráfico.

Foto 9: Passagem 24 de Dezembro



Fonte: Couto(2008)

Outro problema são as milícias, que eliminam os que acham ser seus inimigos ou que atrapalham seus negócios criminosos, com isso aumenta o número de homicídios no bairro.

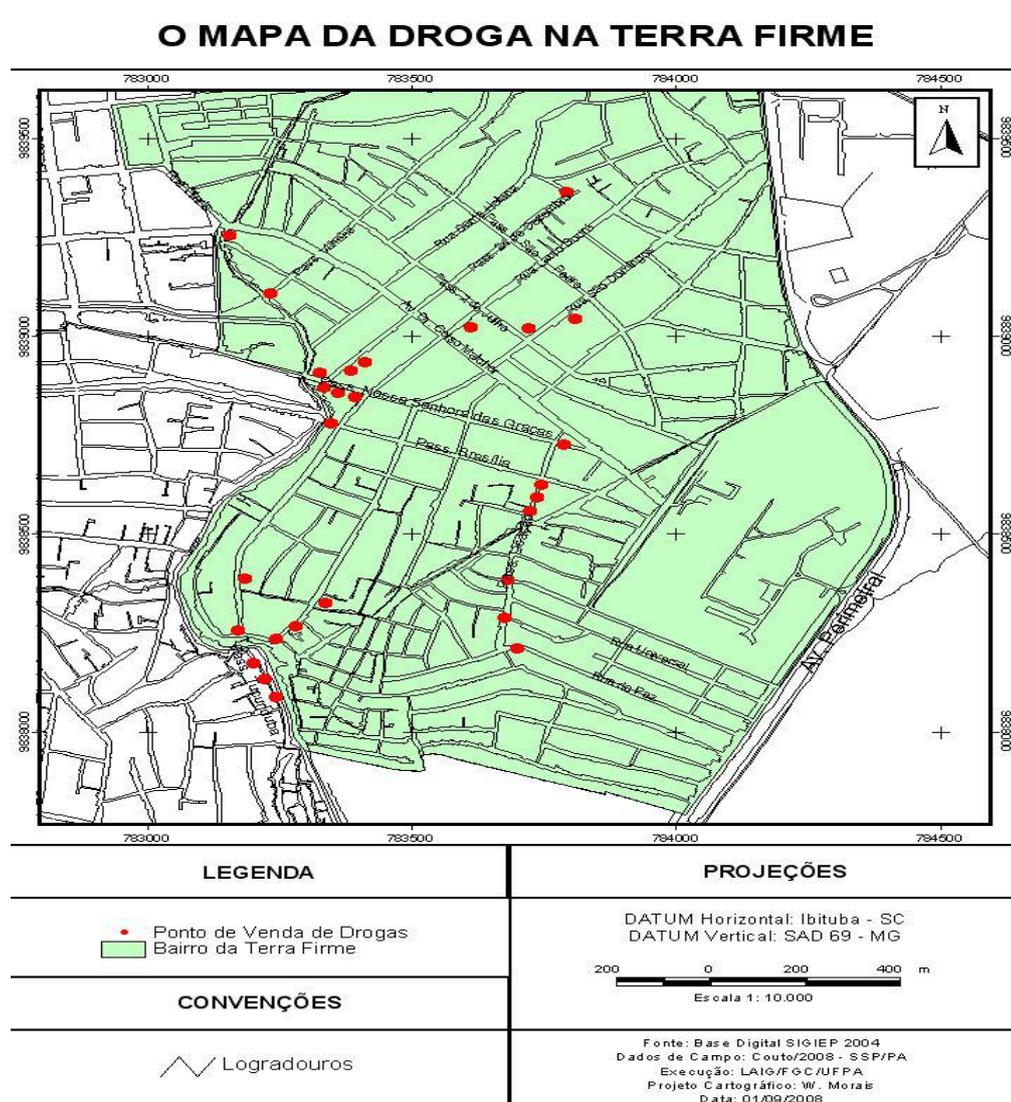
Couto (2008), em estudo recente realizado no âmbito de um Curso Especialização promovido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), espacializou e identificou os pontos de comercialização de drogas existentes no bairro da Terra Firme:

Para Couto (2008) o objetivo é mostrar de que forma o tráfico de droga condiciona a violência urbana, a partir da pesquisa realizada no bairro da Terra Firme.

Segundo Couto (2008,p.79), as áreas sem infraestrutura, geralmente são escolhidas para a comercialização de drogas, dentre os fatores, está a situação financeira de seus moradores, baixa escolaridade, dentre outros.

Assim, é perceptível a relação que o tráfico de drogas tem com a população segregada e pobre do bairro da Terra Firme, pois são essas pessoas que serão utilizadas como soldados, aviões e vendedores dentro do sistema de comercialização da droga. E se tratando de um bairro periférico como a Terra Firme, percebe-se que as dificuldades para a materialização do tráfico são poucas, pois ainda encontram-se áreas precárias, verdadeiras favelas e bolsões de miséria e pobreza com famílias desestruturadas, desemprego, alcoolismo, tabagismo, analfabetismo, ausência de qualificação profissional, ou seja, tudo aquilo de que a economia do tráfico de drogas necessita para se firmar como uma oportunidade crescente de ascensão econômica e melhor acesso aos bens de consumo básicos para a manutenção da vida.

Mapa 2: Mapa da droga na Terra Firme



Fonte: Couto,2008,p.101.

Além do tráfico de droga há outros tipos de violência no bairro, apresentado por Mitschein (2006) através de uma pesquisa realizada no período de 2002 a 2005 nos bairros da Terra Firme, Guamá e Benguí, onde se constata um crescimento nos registros de crime de violência no decorrer dos anos. Em relação ao bairro da Terra Firme temos os seguintes dados obtidos a partir da pesquisa:

Tabela 9: Registros de violência no bairro da Terra Firme (2002-2005)

Terra Firme	Agressões	Homicídios	Lesões Corporais	Tentativas de homicídios	Total
2002	82	17	470	05	577
2003	97	16	421	19	553
2004	72	27	370	15	469
2005	197	25	429	15	666

Fonte: Fonte: (MITSCHIN,2006, p.30-31 apud SEPOF PARÁ,2005).

Se compararmos aos dados da Polícia Militar sobre homicídios, no ano de 2010, constatamos uma aumento de mais de 100%, em relação ao ano de 2005.

Dados de homicídios/2010

Tabela 10: homicídio e latrocínio no bairro da Terra Firme/2010

TERRA FIRME/2010	HOMICIDIO	LATROCINIO	LESÃO CORPORAL
JAN	6	0	SEM INFORMAÇÃO
FEV	5	0	SEM INFORMAÇÃO
MAR	4	0	SEM INFORMAÇÃO
ABRI	1	0	SEM INFORMAÇÃO
MAI	3	0	SEM

			INFORMAÇÃO
JUN	3	0	SEM INFORMAÇÃO
JUL	9	0	SEM INFORMAÇÃO
AGO	3	0	SEM INFORMAÇÃO
SET	4	0	SEM INFORMAÇÃO
OU	1	0	SEM INFORMAÇÃO
NOV	4	0	SEM INFORMAÇÃO
DEZ	6	0	SEM INFORMAÇÃO
TOTAL/2010	47	0	-

Fonte: SISP/Polícia Militar

Tal aumento, segundo informação da Polícia Militar, está relacionado às disputas por pontos de drogas no bairro, pois

Outro dado também importante são os pequenos delitos, pois eles trazem informações das ruas onde existem mais ocorrências de assaltos no bairro, e que também contribuem para que os moradores estabeleçam as ruas onde podem trafegar com mais “segurança”.

Tabela 11: Ruas com registros de pequenos delitos/ Terra Firme

ANO DE 2010	PEQUENOS DELITOS	RUAS COM MAIOR INCIDÊNCIA
JAN	289	Perimetral
FEV	282	São Domingos e Passagem do Arame
MAR	283	Perimetral e Celso Malcher
ABR	266	Celso Malcher e Perimetral
MAI	259	Perimetral e Celso Malcher
JUN	252	Cipriano Santos e Tucunduba
JUL	DADOS NÃO FORNECIDOS	DADOS NÃO FORNECIDOS
AGO	241	São Domingos e Lauro Sodré
SET	244	São Domingos
OUT	156	Brasília
NOV	175	Tucunduba
DEZ	175	Celso Malcher

Fonte: SISP/Polícia Militar

Porém, um dado muito importante na análise do bairro da Terra Firme, em relação aos registros de ocorrências, é que o índice de pequenos furtos, é menor que outros bairros de Belém, como por exemplo, o bairro do Guamá, que em 2010 tem um total de 5.308 registros de ocorrências, e os registros de homicídios são menores, se comparados ao bairro da Cabanagem.

Figura 7: noticiário sobre o mapa da violência em Belém



Fonte: Diário do Pará, 24/10/10.

Ao mesmo tempo, tais dados nos revelam as próprias falas de alguns entrevistados, pois as ruas onde há um tráfico intenso de drogas, são as que menos aparecem nos registros da polícia militar, como por exemplo, a Passagem Nossa Senhora das Graças e a rua 24 de dezembro. Assim como nos fazem refletir sobre a espetacularização da violência, onde o bairro da Terra Firme sempre é publicizado como bairro pobre e violento.

Figura 8: Terra Firme, capa de jornal



Fonte:Amazônia, 2009

Figura 9: Terra Firme, capa de jornal.



Fonte:Amazônia,2008.

Sobre as estruturas arquitetônicas das casas no bairro, os moradores afirmam que é uma necessidade, que as casas precisam estar gradeadas, que é um processo automático e que acontecem em todas as cidades brasileiras:

“Lá em casa é tudo gradeado, como as coisas mudam né! A gente brincava na rua, tomava banho na chuva e corria pelo bairro, era muito legal.. A Terra Firme não foi sempre assim, eu gostava muito daqui, mas agora parece que eu moro numa prisão, quando entro aqui não posso mais sair...” (morador da perimetral)

“Estrutura da casa... na verdade e automático... em toda a cidade..grandes prédios..são tudo gradeados.é cultural...” (policial militar)

“ o meu comercio é todo gradeado, sei que antigamente não era assim, mas agora a primeira coisa que a gente faz é mandar gradear as lojas né! (comerciante)

“ tem que colocar grade, não tem jeito...se não a gente é assaltado né! É grade no quintal, na frente da casa, parece uma prisão né...mas não tem jeito...(moradora da Comissário)

A mudança da arquitetura das casas no bairro da Terra Firme, ocorrida ao longo dos últimos anos, transforma a casa como lugar de proteção de seus habitantes em uma espécie de “prisão”, condição que inviabiliza a realização de práticas sociais de integração e cooperação entre vizinhos. O medo na cidade se expressa quando os indivíduos escolhem determinados tipos de vestimentas e adereços e ainda escolhem áreas dentro da cidade para deslocarem-se ao trabalho, à escola e ao lazer. Há lugares na cidade em que o direito constitucional de ir e vir é negado, pois a imagem massificada pela mídia é de que determinadas áreas são perigosas e inseguras.

No processo de entrevista uma frase chama-nos atenção, um morador ao ser perguntado sobre a arquitetura das residências, que mudaram ao longo dos anos, tanto em Belém quanto no bairro da Terra Firme, nos diz a seguinte frase “ meu filho me pede pra brincar na rua, ai eu digo pra ele que não...tá vendo aquela grade ali? É ela que te separa do mundo, e aquele mundo ta em guerra...” Para Bauman,

"Se olharmos à nossa volta, veremos outros indivíduos idênticos a nós. Por mais que procuremos, nunca encontraremos ninguém que seja exatamente idêntico a nós. Todos e cada um somos feitos apenas de diferenças; no planeta há 6.000 milhões de homens e mulheres, mas cada um deles é diferente de todos os restantes: não há indivíduos absolutamente idênticos entre si, é uma impossibilidade. Existimos porque somos diferentes, porque temos diferenças e, todavia, algumas destas diferenças incomodam-nos e impedem-nos de interagir, de nos comportarmos amistosamente, de manifestarmos interesse pelos outros, de nos preocuparmos uns com os outros, de nos ajudarmos - e, sejam tais diferenças quais forem, é a natureza das fronteiras que traçamos que as determina. Cada fronteira cria as suas próprias diferenças, atribuindo-lhes consistência e sentido." (BAUMAN,...P.72)

A sensação que alguns moradores nos passam é o sentimento de medo da cidade, e principalmente do bairro, e que estão passivos diante da violência, vivendo atrás dos muros ou das grades, sem questionar o porquê de tanta violência, o porquê de ausências públicas no bairro, apenas afastando-se de tudo e de todos, num processo individualista, típico do sistema capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas urbanos de caráter estrutural, aqui considerados, como expressões da “questão social” e, portanto, determinados pelas contradições imanentes ao modo de produção capitalista, são reproduzidos com intensidades variadas nas cidades brasileiras e amazônicas. Belém, capital do estado do Pará, após o grande ciclo econômico como o da borracha no final do século XIX e início do século XX, é impactada por intensos e agudos processos de segregação sócioespacial.

Com o crescimento das cidades sérios problemas estruturais, de natureza econômica, social e política, começaram a aparecer com maior intensidade, foi o que aconteceu no Brasil e na Amazônia. Belém, após os dois grandes ciclos da borracha, sofre os efeitos de processos segregativos, espaciais e socioambientais, já que a cidade não estava preparada para absorver um grande contingente populacional, com isso, aumentaram o número de ocupações irregulares e o índice de violência, tomando-se como um caso emblemático o bairro da Terra Firme.

A urbanização de Belém, determinada pelo modo de produção capitalista, resultou num processo de segregação, provocando mudanças significativas na vida diária, nos costumes dos que residem em seus diferentes bairros e, de forma particular, no bairro da Terra Firme. Entre estas mudanças destaca-se o acirramento do sentimento de medo, já que são identificadas por seus moradores áreas neste bairro em que este sentimento prevalece, impedindo, no limite, a acessibilidade plena e o direito de ir e vir dos que nelas residem.

A violência urbana subverte e desvirtua determinadas funções das cidades, retira recursos públicos já escassos, acaba com vidas, especialmente as dos jovens e dos mais pobres, e dilacera famílias. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidos pelo medo, pois o mercado que mais cresce é o de materiais e equipamentos de segurança, afinal, são alarmes e câmeras de segurança, cada vez mais sofisticadas tecnologicamente, que precisam ser instalados nas residências, ônibus, bancos, shopping, supermercados, entre outros. O projeto arquitetônico de

residências e dos prédios, públicos ou privados, sofre mudanças históricas, tornando-os parecidos aos presídios, com suas grades e cadeados. É o processo de acumulação do capital em busca de novos nichos de mercado, atingindo outros segmentos, na procura voraz de cada vez alcançar níveis mais elevados de lucro.

Recomendações que diariamente ouvimos de familiares, amigos e divulgadas pela mídia, com a exposição, por exemplo, de especialistas em segurança, vêm redundando nas limitações à acessibilidade e à mobilidade de indivíduos nos espaços da cidade. A insegurança é a idéia de que o perigo está por toda a parte, ou seja, é inerente à própria sociedade. Assim, recortes destes discursos de recomendação podem ser exemplificados como: “De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos”. “Evite falar com estranhos”. “À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e em áreas desertas”. “Quando estacionar o seu carro, tranque bem as portas e não se esqueça de levar o som consigo”. “De madrugada, não pare em sinal vermelho”. “Se for assaltado, não reaja, entregue tudo”.

É um sentimento de insegurança onde os indivíduos suspeitam de tudo e de todos, há o medo do crime e dos criminosos. O indivíduo passa a suspeitar do outro e de suas intenções, se recusa a acreditar na solidariedade humana. Tal sentimento não surge de algo focalizado e individual, pelo contrário, foi construído socialmente a partir da lógica perversa de acumulação do capital, onde o processo de constituição do urbano vem contribuindo para o acirramento da violência urbana. No caso da cidade de Belém, o processo de segregação e expulsão de trabalhadores das áreas centrais para áreas distantes ou sem infraestrutura, também são fatores indicativos para compreensão do fenômeno da violência nesta cidade.

A imagem da violência, matéria-prima utilizada e comercializada pelos meios de comunicação, é tomada pela certeza de que existe demanda para esse tipo de noticiário. Porém, a ausência de crítica em tais notícias influenciam a compreensão plena acerca do que está sendo veiculado, pois não há um comprometimento por parte das empresas de comunicação em repassar as informações, pelo contrário, em muitos casos, há o interesse de divulgar massificadamente uma determinada informação, mesmo não tendo comprovação de sua veracidade.

O sentimento de medo gera atitudes de retraimento, que significa um afastamento de tudo e de todos, o que pode resultar em mais medo, devido o isolamento, o que é, em grande medida, alimentado pelas notícias disseminadas pelos meios de comunicação. É imprescindível que os meios de comunicação revejam sua missão, seus objetivos e possibilitem a população uma análise crítica sobre aquilo que está sendo publicizado, pois atualmente grande parte mídia contribue para uma perda de visão da sociedade, onde não se tem a possibilidade de questionamentos e reflexões, além da agressão aos direitos humanos.

A tendência ao isolamento, revelada pelas grades nas casas e nos espaços de comércio, não pode ser generalizado em toda a cidade, pois há espaços que ainda não foram totalmente capturados ou envolvidos nessa tendência da violência, como algumas praças que aglutinam pessoas para manifestações diversas, mesmo que prevaleça a precarização de seus equipamentos, como é o caso daqueles localizados em bairros periféricos.

A partir de um processo de reconstrução analítica da ocupação do bairro da Terra Firme, inserido estruturalmente na cidade de Belém, feito pelos sujeitos que residem e trabalham no bairro, constata-se que Belém tende a ser considerada uma “fobópole”, ou seja, uma cidade onde o sentimento de medo está presente em seus cidadãos.

A demonstração destes processos, de um lado, pode ser vista pela precarização das condições de vida daqueles segmentos de trabalhadores que ocupam áreas de várzea que margeiam o Rio Guamá e a Baía de Guajará e seus respectivos afluentes e, de outro, a ausência ou insuficiência proposital na implementação de políticas públicas voltadas ao acesso à regularização fundiária, à habitação de interesse social, ao saneamento básico, à educação, à saúde e ao trabalho e geração de renda. A falta de atendimento às necessidades básicas de contingentes massivos trabalhadores, que ocupam de forma irregular áreas insalubres nos chamados bairros periféricos na cidade de Belém, torna emblemática a situação atual do bairro da Terra Firme.

O bairro da Terra Firme é publicizado pelos meios de comunicação como um bairro violento, porém, ao acessarmos registros emitidos por órgãos de segurança pública acerca dos índices de violência que ocorrem em outros bairros de Belém,

constatamos que tal bairro, tem índices de violência menores se comparado a outros bairros. Bairros como Pedreira, Marco e Umarizal tem um índice de violência, registrados em ocorrências, consideráveis, porém, não têm o mesmo estereótipo do bairro da Terra Firme, onde a pobreza e a violência são características consideradas inerentes ao bairro. Tal imagem foi construída socialmente e ao longo de seu processo de ocupação, pois o bairro que antes era considerado provisório, sem perspectiva de consolidação futura, com sua população oriunda, em sua maioria, do interior do estado do Pará, torna-se um bairro populoso e com graves problemas sociais, devido estar submetido à lógica perversa de acumulação do capital e à correspondente intervenção do poder público constituído.

A afirmativa não é que o bairro da Terra Firme não tenha problemas, porque tem e são sérios, principalmente, com o tráfico de drogas e furtos, contudo, a massificação da violência feita por uma mídia que funciona apenas movida pelo lucro fácil, torna o bairro alvo de visões estereotipadas acirrando processos de discriminação e preconceitos contra seus moradores.

As condições estruturantes do modo de produção capitalista vem contribuindo para o acirramento das manifestações do fenômeno da violência urbana e do medo na cidade. Buscar compreender as novas culturas, ou a extinção de outras existentes, os novos costumes, os padrões de circulação no espaço é dar conta, em nível explicativo, dos determinantes da realidade socioeconômica, engendrada pelo modo de produção capitalista, manifestada pelo individualismo, pela segregação e seus rebatimentos no modo de vida dos sujeitos que vivem nestes espaços. Logo, o processo de constituição do urbano em Belém, determinado por estas relações de produção, vem ao longo da história resultando na exacerbação de práticas segregativas e na mudança significativa de hábitos e modos de vida de grandes contingentes de trabalhadores que nela habitam, principalmente no acirramento do sentimento de medo e no surgimento de uma nova fobia, que é viver na cidade.

Referências Bibliográficas

ABELÉM, Auriléa. **Urbanização e Remoção: Porque e Para quem?**. Belém: Edufpa,1989.

ADORNO, S. **Exclusão socioeconômica e violência urbana**. Sociologias. Porto Alegre, ano 4, n.8, jul/dez, 2002,84-135.

ALVES, Joana Valente Santana. **Belém: A Capital das Invasões**. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará/ NAEA, Belém,1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**.Tradução Eliana Aguiar.Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2009.

_____.Medo Líquido.Trad.Carlos Alberto Medeiros.Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2003.

BECKER, Bertha. **Revisão das Políticas de Ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários**. Revista Parcerias Estratégicas, 12,p.135-159, set. 2001.

CANO, Ignácio. **Violência Letal, Renda e Desigualdade no Brasil**.2.ed.Rio de Janeiro:7 Letras,2007.

COMPANS, Rose. **Cidades sustentáveis, cidades globais: antagonismo ou complementaridade?** In: ACSELRAD, Henri (org.). A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CORREA, Antonio José Lamarão. **O Espaço das Ilusões: Planos Compreensivos e Planejamento Urbano na Região Metropolitana de Belém**. Dissertação de Mestrado, Belém: NAEA/UFPA,1989.

CORRÊA, Felipe Botelho. **A busca por segurança: imaginário do medo e geografia urbana**.CONTEMPORANEA.ED.14.vol8.2010,p. 88-105.

COUTO, Aiala Colares de O. **A geografia do crime na metrópole: da economia do narcotráfico à territorialização perversa em uma área de baixada de Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 2008. (Monografia de Especialização).

DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente. São Paulo: Companhia de letras. 1989.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** Tradução de Leandro Konder. 8.ed. São Paulo: Civilização brasileira, 1982.

FRAGA, Paulo Denisar. **Violência: forma de dilaceramento do ser social.** Serviço Social e Sociedade. n.70.p.44-58. São Paulo: Cortez, 2002.

GUILHON, Orlando José Ferreira. **Mídia e violência urbana no Brasil.** Art. Comunicação pública e violência urbana – Brasília: UNESCO, Viva Rio, 2007.p.37 –

HARVEY, David. **Condição Pós – Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural.** 4.ed. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. Tradução Luís Octávio da Silva e Micaela Krumholz. **Espaço e Debates:** revista de estudos regionais e urbanos, ano 16, n. 39, 1996.

_____. **Discurso de abertura na Tenda de Reforma Urbana.** Fórum Social Mundial. Belém, 2009.

_____. **A Produção Capitalista do Espaço.** 1.ed. São Paulo: Annablume. 2005.

LAGO, Luciana Corrêa do. **A Lógica Segregadora na metrópole brasileira: Novas teses sobre antigos processos.** Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 53-86, jan. / jul. 2000.

LEFEVRE, Henry. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Centauro, 2006.

LOJIKINE, Jean. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana.** Tradução: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Marx, Karl. (1965), Avant-Propos. ***Critique de l'Économie Politique (1859)***. In: Karl Marx. *OEuvres*. Trad.: Maximilien Rubel. Paris: Gallimard, Vol. I: Économie.

Marx, Karl. (1994), ***Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte***. In: _____. *OEuvres*. Trad. Maximilien Rubel. Paris: Gallimard. Vol. IV, Tomo I: Politique.

Marx, Karl. **A liberdade de imprensa**. 1980. LPM Ed. p. 42.)

MITSCHEIN, Thomas A.;CHAVES, Jadson F.; MIRANDA, Henrique R.. **Crescimento, Pobreza e Violência em Belém**.2.ed. Belém:NUMA/UFPA,2006).

PASSETI, Edson. Cartografia de violências. Serviço Social e Sociedade.n.70.São Paulo: Cortez,2002.

PEDRAZZINI, Yves. A violência das Cidades. Tradução Gisele Unti. Petropolis: Vozes,2006.

Poulantzas, Nicos., ***Poder Político e Classes Sociais***, Porto, Portucalense Editora, 1971.

_____. **O Estado, o poder, o socialismo**. Rio de Janeiro: Graal.1980.

RODRIGUES, Edmilson Brito. **Aventura Urbana: Urbanização, Trabalho e Meio Ambiente em Belém**. Belém: Editora,1996.

RODRIGUES, Eliene Jaques. **Banidos da Cidade e Unidos na Condição – Cidade Nova: espelho da segregação em Belém**. Belém: UFPA/NAEA,1998.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo:EDUSP,2009.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A Reinvenção das Cidades na Virada de Século: Agentes, Estratégias e Escalas de Ação Política**. Revista de Sociologia Política, 16, p.31-49, jun.2001.

SOARES, Luiz Eduardo; BILL, Mv; ATHAYDE. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA, Maria Adélia A. **O II PND e a política urbana brasileira: uma contradição evidente.** In: DEÁK, Csaba & SCHIFFER, Sueli Ramos (Orgs.). "O processo de Urbanização no Brasil". 1. ed., São Paulo: EDUSP, 1999.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Fobópole: **O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Planejamento e gestão urbana numa era de medo** In: Revista Rio de Janeiro, n. 12 Co-editada: Uerj, LPP, Fórum Rio, Jan/Abr 2004.

TRINDADE JR, Saint Clair. **Produção do Espaço e Uso do Solo Urbano em Belém.** Belém: PA [s.n.], 1997

WACQUANT, Loïc. **Punir os Pobres: A nova Gestão da Miséria nos Estados Unidos.** 2.ed. Rio de Janeiro: Revan. 2003.

_____. **As Prisões da Miséria.** Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Sabotagem. 1999.

Waiselfisz, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2011.** 1.ed. São Paulo: Sangary. 2011.